Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEUS, CRISTO E CARIDADE

Ano 124 • Nº 2.131 • Outubro 2006

Na trilha de Allan Kardec

"Jesus e Kardec estão perfeitamente conjugados pela Sabedoria Divina."

Veja nesta Edição:

Campeonato da insensatez

Pedra angular

O necessário e delicado intercâmbio mediúnico

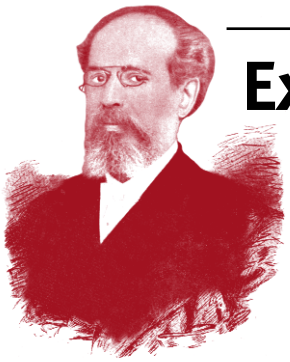
FAMÍLIA, VIDA e PAZ

R$ 5,00

ISSN 1413 - 1749

9 771413 174008

reformador outubro 2006 - a.qxp 9/10/2006 11:13 Page 3



Expediente

Fundada em 21 de janeiro de 1883
Fundador: **Augusto Elias da Silva**

Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 124 / Outubro, 2006 / Nº 2.131

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
Diretor: Nestor João Masotti
Diretor-substituto e Editor: Altivo Ferreira
Redatores: Affonso Borges Gallego Soares, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago
Secretária: Sônia Regina Ferreira Zaghetto
Gerente: Amaury Alves da Silva
Gerente de Produção: Gilberto Andrade
Equipe de Diagramação: Saraí Ayres Torres, Agadyr Torres e Claudio Carvalho
Equipe de Revisão: Mônica dos Santos e Wagna Carvalho

REFORMADOR: Registro de publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 • I. E. 81.600.503

Direção e Redação:
Av. L-2 Norte • Q. 603 • Conj. F (SGAN)
70830-030 • Brasília (DF)
Tel.: (61) 2101-6150
FAX: (61) 3322-0523
Departamento Editorial e Gráfico:
Rua Souza Valente, 17 • 20941-040
Rio de Janeiro (RJ) • Brasil
Tel.: (21) 2187-8282 • FAX: (21) 2187-8298
E-mail: redacao.reformador@febrasil.org.br

Home page: http://www.febnet.org.br
E-mail: feb@febrasil.org.br e webmaster@febnet.org.br

PARA O BRASIL
Assinatura anual **R$ 39,00**
Número avulso **R$ 5,00**
PARA O EXTERIOR
Assinatura anual **US$ 35,00**
Assinatura de Reformador:
Tel.: (21) 2187-8264 • 2187-8274
E-mail:
assinaturas.reformador@febrasil.org.br

Projeto gráfico da revista: Julio Moreira
Capa: Agadyr Torres Pereira

Sumário

4 Editorial
Relembrando Kardec
12 Entrevista: Gloria Avalos de Ynsfrán
Fomentar a paz através do conhecimento e do amor
14 Presença de Chico Xavier
Na trilha de Allan Kardec – *André Luiz*
21 Esflorando o Evangelho
Madalena – *Emmanuel*
34 A FEB e o Esperanto
As idéias de Zamenhof e a Doutrina Espírita – *Paulo Sérgio Viana*
42 Seara Espírita

5 Não julgueis – *Juvanir Borges de Souza*
8 Campeonato da insensatez – *Vianna de Carvalho e outros Espíritos-espíritas*
11 Realidade e ficção – *Washington Borges de Souza*
16 Saúde é trabalhar – *Richard Simonetti*
17 O Mestre e o Apóstolo – *Emmanuel*
18 Pedra angular – *Dalva Silva Souza*
22 Espiritismo – O Consolador prometido por Jesus – *Hugo Alvarenga Novaes*
24 O necessário e delicado intercâmbio mediúnico – *Waldehir Bezerra de Almeida*
27 Vianna de Carvalho – 80 anos de desencarnação – *Luciano Klein Filho*
30 A resposta de Deus – *Eliana Thomé*
32 Muito à frente de seu tempo – *Sônia Zaghetto*
33 Capacitação do Trabalhador do Grupo Mediúnico
36 Santos Dumont
38 Divaldo Franco na FEB-Rio
39 Normalização Editorial – Padrão de qualidade editorial dos livros febianos – *Geraldo Campetti Sobrinho*
41 Dia Estadual da Confraternização Espírita

Editorial

Relembrando Kardec

Reformador, deste mês, relembra o lúcido trabalho de Allan Kardec na elaboração da Codificação Espírita, materializando, junto à Humanidade, o Consolador Prometido por Jesus.

Resgata uma página de André Luiz, intitulada "Na trilha de Allan Kardec" (p. 14) e publica mensagem de Emmanuel, "O Mestre e o Apóstolo" (p.17), ambas psicografadas por Francisco Cândido Xavier.

Sobre a obra do Codificador, é oportuno relembrar, também, alguns pensamentos de Bezerra de Menezes, Espírito que, sob inspiração superior, vem orientando o estudo, a divulgação e a prática da Doutrina Espírita:*

"A Doutrina Espírita possui os seus aspectos essenciais em configuração tríplice. Que ninguém seja cerceado em seus anseios de construção e produção. Quem se afeiçoe à ciência que a cultive em sua dignidade, quem se devote à filosofia que lhe engrandeça os postulados e quem se consagre à religião que lhe divinize as aspirações, mas que a base kardequiana permaneça em tudo e todos, para que não venhamos a perder o equilíbrio sobre os alicerces em que se nos levanta a organização."

"Allan Kardec, nos estudos, nas cogitações, nas atividades, nas obras, a fim de que a nossa fé não se faça hipnose, pela qual o domínio da sombra se estabelece sobre as mentes mais fracas, acorrentando-as a séculos de ilusão e sofrimento."

"Seja Allan Kardec, não apenas crido ou sentido, apregoado ou manifestado, a nossa bandeira, mas suficientemente vivido, sofrido, chorado e realizado em nossas próprias vidas. Sem essa base é difícil forjar o caráter espírita-cristão que o mundo conturbado espera de nós pela unificação."

"É indispensável manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos Mensageiros Divinos a Allan Kardec, sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos deprimentes, sem pruridos de conquista a poderes terrestres transitórios."

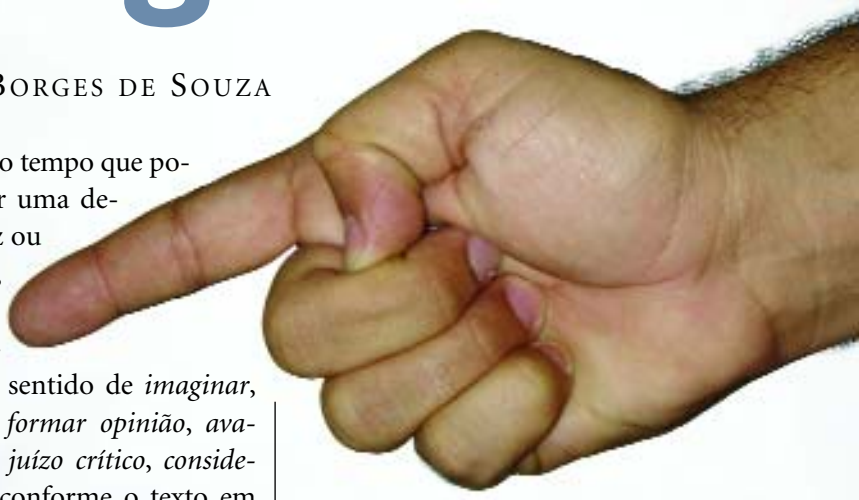
"Amor de Jesus sobre todos, verdade de Kardec para todos."

---

*Mensagem "Unificação", psicografada por Francisco C. Xavier (*Reformador*, dezembro de 1975).

Não julgueis

JUVANIR BORGES DE SOUZA



Encontra-se no Evangelho de Mateus, 7:1-2, esse ensino de Jesus:

"Não julgueis, a fim de não serdes julgado; – porquanto sereis julgados conforme houverdes julgado os outros; empregar-se-á convosco a mesma medida de que vos tenhais servido para com os outros. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, 3. ed. especial, cap. X, item 11, p. 215.)

Esta lição do Mestre insere-se, como muitas outras, na lei do amor – a síntese maravilhosa que Ele formulou para facilitar a compreensão não somente de seus discípulos e ouvintes, mas de todos os que viessem tomar conhecimento de sua mensagem, no futuro.

Como amar ao próximo é a regra áurea para reger o relacionamento com nossos semelhantes, colocada junto ao primeiro mandamento – *amar a Deus sobre todas as coisas* –, o *não julgueis para não serdes julgados* é um desdobramento da lei suprema.

É uma forma de facilitar a compreensão humana para aqueles que visam aceitar, compreender e vivenciar as leis divinas.

O verbo *julgar* tem acepções diversificadas na linguagem humana, especialmente no idioma português.

Ao mesmo tempo que pode significar uma decisão de juiz ou de árbitro, pode também ser empregado no sentido de *imaginar*, *conjecturar*, *formar opinião*, *avaliar*, *formar juízo crítico*, *considerar-se*, etc., conforme o texto em que está inserido.

Acreditamos que Jesus, conhecendo profundamente a natureza dos habitantes do nosso mundo, procurou deixar evidente o prejuízo moral para aqueles que, por hábito adquirido, ou por natural inclinação, fazem conjecturas desairosas sobre o procedimento alheio, ou formam juízo crítico sobre seus semelhantes.

São procedimentos comuns de todos os tempos os juízos temerários, inclusive nas sociedades da atualidade, que prejudicam e dificultam a fraternidade, a compreensão e a solidariedade entre as criaturas.

Criticar, reprovar, censurar, com ou sem fundamento, tornaram-se formas comuns nas conversações e comentários entre pessoas, com referências a outras, presentes ou ausentes.

A indulgência para as imperfeições dos outros, assim como a benevolência para com todos são componentes da caridade, juntamente com o perdão amplo de todas as ofensas, como ensinou Jesus. (*O Livro dos Espíritos*, questão 886.)

A caridade, por sua vez, é a concretização do amor, é a prática do mais elevado sentimento de que as leis supremas do Criador dispõem para a elevação e a compreensão de todas as criaturas.

A indulgência é a base, o fundamento moral inconfundível de um dever que se aplica a todos os Espíritos no relacionamento com seus semelhantes.

É ela, a indulgência, que o Cristo opõe aos juízos insensatos e contrários às leis naturais ou divinas, para lembrar a todos nós que não devemos julgar os outros, muito menos utilizar a severidade em condenações e críticas das quais nos absolvemos, como se fôssemos criaturas superiores. ▸

Quando apreciamos a conduta de nossos semelhantes, o que se torna inevitável na vida de relação do homem, ou concordamos com seus pensamentos e ações, ou deles discordamos, total ou parcialmente.

Na primeira hipótese, a da concordância, pode ocorrer que tanto nós quanto nosso semelhante estejamos pensando e agindo de forma correta, ou ambos estejamos errados, sem que percebamos. Pode acontecer também que um esteja certo e o outro errado.

Falíveis em si mesmos, os julgamentos humanos nem sempre distinguem o erro da verdade, pela imperfeição dos próprios homens.

Há, pois, fortes razões para não se atribuir, de nossa parte, à opinião de uma individualidade humana, nem a certeza e infalibilidade, nem o erro e engano de seu julgamento. A prudência e o respeito são nossos melhores conselheiros.

Infelizmente, o orgulho e o egoísmo dos homens desprezam essa realidade.

Reconhecendo nossas imperfeições, o mais seguro é evitar os julgamentos das posturas, das opiniões, do procedimento e de tudo o que caracteriza, afinal, o nosso semelhante.

Esse posicionamento em relação ao "não julgueis" do ensinamento de Jesus não se refere à repulsa ao mal de variadas origens, que é um dever de todos os indivíduos e de todas as sociedades humanas.

O mal deve ser identificado e reprimido em toda parte, qualquer que seja a sua origem. Por isso, a regra resultante da lição do Cristo deve ser entendida como oposição à maledicência e à maldade, mas não como tolerância ao mal, resultante de má interpretação dos ensinos do Mestre, que empregou a palavra *julgar* em conformidade com a ordem das idéias que se apresentavam na ocasião.

Para bem entender a lição do Mestre, torna-se necessário que o aprendiz penetre seu íntimo, ouça sua consciência e demonstre que usa a indulgência para com seus irmãos. Essa é uma das formas da prática da caridade.

Exemplo magnífico do significado do "não julgueis" mostrou Jesus no episódio da mulher adúltera, apresentada ao Mestre pelos escribas e fariseus. Depois de ouvir as acusações à mulher, Jesus disse:

"Aquele dentre vós que estiver sem pecado, atire a primeira pedra". (João, 8:7.)

Os acusadores, após ouvirem essas palavras, retiraram-se um após outro.

Perguntou Jesus então à mulher: "Onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou?"

Ela respondeu: "Não, Senhor". Disse-lhe Jesus: "Também eu não te condenarei. Vai-te e de futuro não tornes a pecar". (João, 8:3-11.)

•

O exemplo oferecido por Jesus no caso da mulher adúltera, repetido em outras circunstâncias, consagra o princípio de que, sendo Ele um Espírito perfeito, não julga seus irmãos menores. Os homens, Espíritos imperfeitos e sujeitos a erros, com mais razão não devem arvorar-se em julgadores dos outros, mas, sim, cooperadores para o aperfeiçoamento de seus semelhantes.

As leis divinas, sintetizadas no amor, abrangem a fraternidade, a solidariedade, a compreensão, a tolerância e o respeito para com os semelhantes. O julgamento torna-se incompatível com essas leis, ao opor-se a qualquer de seus fundamentos.

O que compete a cada um de nós, Espíritos em evolução, é a ajuda aos nossos semelhantes em suas transgressões e dificuldades, como seguidores dos ensinos do Cristo.

Em vez de julgamentos, as leis de Deus, justas e perfeitas, dispõem de mecanismos de retificações das faltas e desvios das criaturas, para que retomem o caminho do progresso e da evolução.

O erro, o desvio do bem, o transvio são circunstâncias transitórias na vida de cada Espírito, por mais rebelde que seja, no uso do seu livre-arbítrio. Por isso, mesmo nos casos mais tristes de rebeldias, nunca devemos perder a esperança na recuperação do transviado, já que, em determinado tempo, o Espírito recomeça sua evolução, mesmo que à custa de muito sofrimento regenerativo.

Ninguém tem o direito de arvorar-se em dono da justiça.

Mesmo a justiça humana, baseada nas leis dos homens, comete muitos enganos, visto que depende de juízes falíveis e de interpretações variáveis.

Temos de entender a justiça humana como uma organização necessária em um mundo atrasado e imperfeito, que se torna útil por cooperar na repressão aos mais variados crimes e transgressões. Mas seus julgamentos nem sempre representam a verdadeira justiça.

Devemos nos lembrar sempre de que, como criaturas imperfeitas, podemos ser portadores de defeitos semelhantes, ou até piores que os daqueles a quem julgamos, cabendo-nos, portanto, esforçar-nos por combater nossas próprias imperfeições, antes de nos preocuparmos com as alheias.

Ao julgar alguém, podemos estar cometendo um equívoco, do qual resulta grande ou pequeno dano àqueles que recebem nosso juízo. É evidente que respondemos pelas conseqüências de nosso erro.

Muitas vezes não sabemos o alcance real daquilo que julgamos. O que nos parece condenável nos outros pode não o ser na realidade, porque desconhecemos pormenores dos fatos e do que se passa no íntimo das pessoas.

Uma pergunta lógica se impõe ao nosso raciocínio: por que nos preocupamos mais com os erros, os defeitos e as imperfeições alheias, em lugar de valorizar e aplaudir as virtudes que as criaturas apresentam?

Não seria essa particularidade mais um motivo e uma justificativa para adotarmos o preceito evangélico do "não julgueis"?

A vida do Espírito, quando encarnado, tem características próprias de um mundo material, as quais influenciam muito nossos juízos.

Mas a vida continua nas esferas espirituais, em que as influências materiais diminuem ou desaparecem, dependendo da evolução alcançada pelo Espírito.

Os ensinos, os preceitos e os exemplos deixados por Jesus, em sua passagem pela Terra, encontram-se ampliados e interpretados corretamente pelos Espíritos Superiores. Cumpriu-se a promessa do Mestre de pedir ao Pai o envio de outro Consolador.

Com a Doutrina dos Espíritos, o Consolador, encontra-se no mundo tudo o que ensinou o Cristo, sem as distorções interpretativas dos homens.

Agora nos compete seguir os ensinos do Mestre, consolidados na Terceira Revelação.

Uma de suas lições inesquecíveis é a do "não julgueis", que visa a paz, o perdão e a compreensão para cada criatura.

É uma das faces do amor, tão necessário para reverter as condições deste planeta sob as influências das inferioridades espirituais, emocionais, mentais, verbais e físicas que atuam sobre seus habitantes. ■

Cristo e a Mulher Adúltera, quadro de Guercino, pintado por volta de 1621

Campeonato da insensatez

Quando o conhecimento libertava-se da grilheta soez da ignorância e as ciências adquiriam cidadania cultural, alargando os horizontes do pensamento e facultando melhor entendimento em torno da finalidade existencial, em meado do século XIX, surgiu o Espiritismo como um sol para a Nova Era, que deveria iluminar a Humanidade a partir de então.

Era a resposta dos Céus às rogativas dos sofrimentos que se espalhavam pela Terra. Conforme Jesus houvera prometido, tratava-se de *O Consolador*, que chegava para atender às múltiplas necessidades humanas.

Sintetizando o idealismo filosófico com as conquistas da experimentação científica moderna, ao tempo em que a ética do Evangelho se fazia restaurada, essa incomparável Doutrina propunha-se a oferecer os instrumentos hábeis para a aquisição da felicidade.

O obscurantismo ancestral cedia lugar a novas conquistas libertadoras, enquanto Espíritos de escol encarregavam-se de promover o progresso material, social e intelectual no Orbe, sacrificando-se fiéis aos anseios de iluminação.

Os objetivos da liberdade alcançada desde os dias sangrentos de 1789, com a queda da Bastilha e os movimentos que a seguiram, facultavam o florescimento da verdadeira fraternidade entre todos, igualando-os em relação aos direitos e aos deveres que lhes diziam respeito, pelo menos teoricamente.

Respiravam-se novos ares sem os tóxicos dos preconceitos e da intolerância religiosa, que cedia ante o vigor das conquistas incomparáveis da evolução que diariamente chegavam às massas sofridas...

A arrogância de Napoleão III, em França, refletindo a dominação clerical, que teimava em prosseguir soberana, graças aos vínculos com Roma, que apoiava governos usurpadores e perversos na Europa, assinalava o declínio do Velho Mundo de ostentação e privilégios, a fim de que os vexilários do amor e da paz abrissem clareiras na imensa noite amedrontadora.

Os Espíritos, considerados mortos, romperam o apavorante silêncio a que foram relegados e proclamaram os lídimos ensinos do Cristo como fundamentais à vida, bem como a própria imortalidade, restaurando a pulcritude do Evangelho que houvera sido gravemente adulterado, desse modo despertando as consciências para a vivência da concórdia, do bem e da caridade...

Os paradigmas científicos do Espiritismo revestiam-se do vigor indispensável ao enfrentamento com o materialismo de Frederico Engels e de Schopenhauer, de Marx e de Nietzsche, revitalizando a ética centrada na Boa Nova, conforme Jesus e os Seus primeiros discípulos a haviam vivido.

Era um renascimento da Palavra e um reencontro com a Verdade, que houvera perdido o brilho, empanada pelos dogmas ul-

tramontanos e a Teologia partidarista, elaborada apenas para atender aos interesses mesquinhos e subservientes aos poderosos que, às vezes, eram também submetidos ao talante do seu atrevimento.

Permitindo-se investigar até a exaustão, os imortais confabularam com as criaturas terrestres, oferecendo-lhes explicações seguras sobre a vida, seus objetivos, os problemas do sofrimento, do destino, do ser humano...

Nunca, até então, uma Doutrina abrangeria tantos temas e questões porque, afinal, não procedia de uma pessoa, mas de uma equipe de pensadores como João Evangelista, Paulo, o Apóstolo, Santo Agostinho, Descartes, Lacordaire, Cura d'Ars, São Luís de França, Joana d'Arc, Henri Heine, Fénelon, para citar apenas alguns poucos, todos sob a inspiração de Jesus Cristo...

Essa trilogia sintetizada num bloco monolítico – Ciência, Filosofia e Religião – deveria enfrentar o futuro, acompanhando o progresso, aceitando todas as suas conquistas, mas interpretando-as com discernimento apurado, porque *estuda as causas, enquanto as ciências estudam os seus efeitos*.

Um século e meio quase transcorrido, após o surgimento de *O Livro dos Espíritos*, em Paris, a 18 de abril de 1857, a Doutrina resistiu a todas as investidas da cultura científica, tecnológica, filosófica, permanecendo vigorosa e insuperável como no instante da sua consolidação.

O Movimento Espírita espraiou-se por diversas nações terrestres, apresentou escritores, médiuns, oradores e conferencistas, pedagogos, psicólogos, médicos e advogados, juízes e desembargadores, entre muitos outros profissionais, todos incorruptíveis, que deixaram um legado honorável, mas que, infelizmente, em alguns dos seus bolsões, não está sendo dignamente preservado.

Os atavismos ancestrais, em diversos espíritas, que se elegeram ou foram eleitos líderes por si mesmos, no entanto, não têm suportado o peso da responsabilidade pela execução do trabalho que lhes diz respeito, e, preocupados injustamente com o labor organizacional, vêm-se desviando dos conteúdos insofismáveis da Doutrina, qual fizeram ontem em relação à Mensagem cristã, que transformaram em romanismo...

> Exigências descabidas e vaidosas agridem a simplicidade que deve viger nas Sociedades espíritas

Às preocupações em torno da caridade fraternal em referência aos infelizes de todo porte, entregam-se à conquista de patrimônio material e de projeção social, vinculando-se a políticos de realce, nem sempre portadores de conduta louvável, para partilharem das migalhas do mundo em detrimento das alegrias do reino dos céus.

Substituem a simplicidade e a espontaneidade dos fenômenos mediúnicos por constrições e diretrizes escolares que culminam, lamentavelmente, com a diplomação de médiuns e de doutrinadores, que também alcançam os patamares teológicos da autofascinação.

Exigências descabidas e vaidosas agridem a simplicidade que deve viger nas Sociedades espíritas, antes desvestidas de atavios ditos tecnológicos e atuais, que eram vivenciados pela tolerância e bondade entre os seus membros.

Ao estudo sério dos postulados doutrinários, sucede-se a chocarrice e o divertimento em relação ao público que busca as reuniões, em atitudes mais compatíveis com os espetáculos burlescos do que com a gravidade de que o Espiritismo se reveste.

O excesso de discussões em torno de questões secundárias toma o tempo para análise e reflexão em relação aos momentosos desafios sociais e humanos aos quais o Espiritismo tem muito a oferecer.

A presunção e a soberba elegem delineamentos e condutas que recordam aqueles formulados pelos antigos sacerdotes, e que ora pretendem se encarreguem de definir os rumos que devem ser to-

mados pelo Movimento, após reuniões tumultuadas com resíduos de mágoas e animosidades mal disfarçadas.

Ouvem-se as mensagens dos Benfeitores espirituais, comovendo-se com as suas dissertações, e logo abandonando-as dominados pela alucinação da frivolidade.

Apegam-se ao poder, como se fossem insubstituíveis, esquecidos de que as enfermidades e a desencarnação os desalojam das funções que pretendem preservar a qualquer preço.

O tecnicismo complicado vem transformando as Instituições em Empresas dirigidas por executivos brilhantes, mas sem qualquer vínculo com os postulados doutrinários...

Divisões que se vão multiplicando por setores, por especializações, ameaçam a unidade do corpo doutrinário, olvidando-se daqueles que não possuem títulos terrestres, mas que são *pobres de espírito, simples e puros de coração*, em elitismo injustificável.

Escasseiam o amor, a compaixão e a caridade...

Críticas sórdidas, perseguições públicas, malquerenças grassam, onde deveriam vicejar o perdão, o bem-querer, a compreensão fraternal, a caridade sem jaça.

Não se dispõe de tempo, consumido pelo vazio exterior, para a assistência aos sofredores e necessitados que aportam às casas espíritas, relegados a segundo plano, nem para a convivência com os pobres e desconhecedores da Doutrina, que são encaminhados a cursos, quando necessitam de uma palavra de conforto moral urgente...

Os corações enregelam-se e a fraternidade desaparece.

O Cristianismo resistiu bravamente a trezentos anos enquanto perseguido e odiado, até o momento em que o imperador Constantino o vilipendiou, no dia 13 de junho de 313, mediante o Edito de Milão, que o tornou tolerado em todo o Império romano, descambando posteriormente para *religião do Estado*, em olvido total às lições de Jesus Cristo, passando, depois, de perseguido a perseguidor...

O Espiritismo ainda não completou o seu sesquicentenário de surgimento na Terra e as mesmas nuvens borrascosas ameaçam-no de extermínio, por invigilância de alguns dos seus profitentes...

É hora de estancar-se o passo na correria desenfreada em busca das ilusões, a fim de fazer-se uma análise mais profunda em torno da Doutrina Espírita e dos seus objetivos, saindo-se das brilhantes teorias para a prática, a vivência dos ensinamentos libertadores.

Não é momento para escamotear-se a realidade, em face do anseio para conseguir-se, embora rapidamente, o brilho momentâneo dos holofotes, como se blasona com certa mofa, em relação aos que disputam as glórias terrestres.

Menos competição e mais cooperação, deve ser a preocupação de todos espíritas sinceros, a fim de transferir a Doutrina para as futuras gerações, conforme a receberam do Codificador e dos seus iluminados trabalhadores das primeiras horas.

Bons espíritas, meus bem-amados, sois todos obreiros da última hora, conforme proclamou o Espírito protetor Constantino, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*.*

Não vos esqueçais!

Estais comprometidos, desde antes da reencarnação, com o Espiritismo que agora conheceis e vos fascina a mente e o coração.

Tende cuidado!

Evitai conspurcá-la com atitudes antagônicas aos seus ensinamentos e imposições não compatíveis com o seu corpo doutrinário.

Retornar às bases e vivê-las qual o fizeram Allan Kardec e todos aqueles que o seguiram desde o primeiro momento, é dever de todo espírita que travou contato com a Terceira Revelação judaico-cristã porque o tempo urge e a hora é esta, sem lugar para o campeonato da insensatez.

Vianna de Carvalho
e outros Espíritos-espíritas

(Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, na reunião mediúnica da noite de 17 de julho de 2006, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)

---

*Capítulo XX – "Os trabalhadores da última hora", item 2. Nota do Autor espiritual.

Realidade e ficção

WASHINGTON BORGES DE SOUZA

O mundo onde vivemos está envolto, ainda, por influências predominantemente materialistas.

Não obstante serem decorridos dois milênios desde a presença amorosa de Jesus entre os homens, a Doutrina consoladora e esclarecedora, que deixou eternamente para nós, não se fixou na consciência e no coração da imensa maioria da Humanidade, cativa de ilusões e quimeras de natureza nitidamente material. A realidade do Espírito permanece encoberta por fantasias materialistas perniciosas e efêmeras.

A Ciência tradicional da Terra, embora já tenha dado largas passadas na senda do progresso, ainda imagina que o Espírito é uma abstração, não um ser real. As lições de Jesus e as provas trazidas pelo Espiritismo não foram devidamente consideradas. As trevas da ignorância inibem o Espírito, o ser real. Tudo decorre da condição da Terra, de planeta de provas e expiações, onde são freqüentes as guerras e conflitos, a violência de vários matizes, as paixões inferiores sob o império do orgulho e do egoísmo e, sobretudo, da ignorância das leis divinas, da existência de Deus e da alma. Esse estado evolutivo reflete o desconhecimento da vida humana, da sua natureza, dos seus atributos, da consciência do homem, do raciocínio, da vontade, da moralidade, do seu livre-arbítrio e de outras qualidades que lhe são peculiares.

Os materialistas, ateístas, incrédulos, transitoriamente incapacitados de conceber e perceber a alma, confundem a realidade com a ficção. Intelectual e sentimentalmente afastados do Criador, imaginam que é a matéria tangível e grosseira que formula e desenvolve as idéias e é a fonte inteligente. Embora o progresso científico esclareça que o corpo humano seja constituído de cerca de cem trilhões de células, os incrédulos não perceberam ainda as sutilezas da alma, a origem da inteligência e da razão. Ignoram que a memória do ser humano ultrapassa os limites das células cerebrais, não desaparece com a morte do corpo físico, mas acompanha a alma imortal. A carreira do tempo encarregar-se-á de fazer com que todas as pessoas alcancem a verdade, pelos desígnios de Deus.

Quando os princípios da doutrina cristã, deixados nos sítios da Palestina, puderem ser absorvidos e praticados, e a Humanidade conseguir chegar às verdades eternas, o comportamento humano modificar-se-á completamente e haverá paz na Terra. A compreensão da vida futura facultará à criatura ter esperança de poder encontrar a verdadeira felicidade pela prática do bem. O acesso à verdade abre à criatura a possibilidade de usufruir uma vida melhor. As leis divinas são sábias, justas e amorosas, mas ninguém as transgride sem se ferir. Todavia, não basta abster-se de infringi-las, é necessário praticar o bem. Elas se cumprem independentemente da nossa ignorância ou da nossa compreensão.

O ser humano não pode caminhar na senda evolutiva sem fé, sob pena de não progredir. Cumpre assinalar, entretanto, que a fé do adepto espírita é robusta porque tem base na razão, na certeza absoluta da existência de Deus e do espírito. A prova dessa existência não depende da instrumentação e dos laboratórios terrenos, porquanto está impressa em tudo que existe em toda parte do Universo. É manifesta na obra da Criação: na Natureza, nas leis que regem a vida e as coisas. É, portanto, crença consciente e inabalável.

A Doutrina Espírita lembra que as sucessivas gerações sempre se empenharam na busca da felicidade. Jesus, em suas sublimes e magistrais lições, ensina que a felicidade está ao alcance de cada um de nós pela prática do bem, do exercício da caridade, do amor a Deus, ao nosso próximo e a nós mesmos. ■

Entrevista GLORIA AVALOS DE YNSFRÁN

Fomentar a paz através do conhecimento e do amor

Gloria Avalos de Ynsfrán, dirigente espírita paraguaia, foi entrevistada durante a 11ª Reunião do Conselho Espírita Internacional (CEI), em Assunção, quando abordou o desenvolvimento do Movimento Espírita paraguaio

Reformador: *Como está se desenvolvendo o Movimento Espírita no Paraguai?*
Gloria: Há um crescimento do Movimento Espírita paraguaio muito mais rápido do que imaginávamos, principalmente porque há uma grande aceitação do que tem sido divulgado, assim como estímulo ao estudo. Em cada Centro Espírita têm-se formado grupos de estudo sobre Doutrina Espírita (ESDE), sobre Mediunidade (ESME), preparação de trabalhadores, de integração, de atendimento fraterno a adultos, crianças e jovens, e já estamos observando os resultados com a preparação de um bom número de jovens trabalhadores; assim, está se solidificando o Movimento Espírita paraguaio, com uma boa base doutrinária.

Reformador: *E a formação da Federação Espírita Paraguaia?*
Gloria: O *Movimiento Espírita Paraguayo* conta com apenas três anos de fundação e estamos trabalhando com o objetivo de formar a Federação Espírita do Paraguai. É um trabalho de equipe, como numa secretaria geral, de maneira que atuamos todos juntos pela Federação.

Reformador: *O Movimento Espírita se concentra na Capital ou se espalha pelo interior do País?*
Gloria: A maioria dos centros espíritas se concentra em Assunção, sendo que dois fora do centro urbano e os outros estão nas proximidades.

Reformador: *Qual idioma é mais utilizado nos centros espíritas?*
Gloria: Empregamos dois idiomas, porque no Paraguai pensamos em guarani e nos expressamos em espanhol. Portanto, para facilitar as interpretações e a divulgação, e como procuramos sempre chegar ao coração das pessoas, utilizamos muito a expressiva língua que é o guarani.

Reformador: *No Movimento Espírita paraguaio há algum desenvol-*

vimento mais intenso na área da infância e juventude?
Gloria: No momento damos ênfase ao ESDE e ao ESME porque a maioria dos freqüentadores se encontra numa faixa de 20 a 40 anos. Estamos dando início a trabalho de evangelização da infância, e já temos um grupo mais sólido de jovens espíritas.

Reformador: *Há edições de livros espíritas no Paraguai?*
Gloria: Há uma empresa de propriedade de espíritas que tem colaborado muito na impressão de material para difusão espírita e, mais recentemente, de livros. Há sete anos vem sendo editada a revista *La Luz del Porvenir*, que reúne excelentes matérias, e é um meio de divulgação em nosso país, oferecendo também informações sobre o nosso Movimento Espírita.

Reformador: *Qual a motivação para adotarem o tema "Família, Vida e Paz" na Semana Espírita que se desenvolveu antes do início da Reunião do CEI?*
Gloria: É o terceiro ano que promovemos a "Semana Espírita do Movimento Paraguaio". Escolhemos o tema porque entendemos que o futuro da sociedade depende da estrutura da família, que hoje se encontra fragilizada. Há necessidade de uma família com base religiosa, capaz de se sustentar com fé e conseguir a paz. Quando tivemos contato com o material da Federação Espírita Brasileira foi maravilhoso para nós. Verificamos que muitas famílias se beneficiaram com os temas abordados, inclusive os relacionados com a defesa da vida: aborto, suicídio, eutanásia. Se a família se desenvolve em paz, teremos mais paz nas ruas e na sociedade.

Reformador: *No Paraguai há algum preconceito contra o Espiritismo?*
Gloria: Sim, por falta de conhecimento sobre o que é o Espiritismo e por confundi-lo com práticas mediúnicas não-espíritas. Mas nunca tivemos problemas e há liberdade de culto no País. Já realizamos encontros, seminários e congressos sem maiores dificuldades. Temos sido bem recebidos onde procuramos algum contato com vistas às realizações espíritas.

> As atividades do CEI têm contribuído para dar uma estrutura de segurança e apoio aos vários países

Reformador: *Como conheceu o Espiritismo?*
Gloria: Conheci o Espiritismo no Paraguai, em função de alguns companheiros que chegaram do Brasil e após recebermos convite para participar de uma reunião em São Paulo, no Brasil. Há uns quinze anos se estabelece um intercâmbio muito interessante e que tem sido bastante produtivo.

Reformador: *Vocês mantêm relacionamento com outros países?*
Gloria: Como o grupo de trabalhadores ainda é pequeno e as necessidades internas de atuação são grandes, mantemos pouco relacionamento com outros países. Participamos do Conselho Espírita Internacional e temos muitos contatos com o Movimento Espírita do Brasil.

Reformador: *Como analisa as atividades do CEI?*
Gloria: As atividades do CEI têm contribuído para dar uma estrutura de segurança e apoio aos vários países. Nestes anos de existência do CEI tem sido maravilhoso o intercâmbio que se estabelece. Nesta Reunião do CEI, em Assunção, sentimos madureza em todos os participantes, tranqüilidade e profundo respeito a todos. Creio que o CEI está cumprindo os objetivos para os quais se formou. Está contribuindo muito para a difusão da Doutrina Espírita.

Reformador: *Uma mensagem final.*
Gloria: Para o homem alcançar a verdadeira felicidade que tanto busca, é indispensável conhecer-se como ser espiritual, sabendo de onde vem e para onde vai; fomentar a paz dentro de cada um através do conhecimento e do amor; encontrar no próximo o próximo mais próximo... ■

reformador outubro 2006 - a.qxp 9/10/2006 11:14 Page 14

Presença de **Chico Xavier**

Na trilha de **Allan Kardec**

Estudando a vida espiritual além do túmulo, Allan Kardec, o eminente Codificador da Nova Revelação, apresenta em *O Livro dos Espíritos* algumas definições que será oportuno examinar, a fim de que nós outros, tarefeiros encarnados e desencarnados do Espiritismo, estejamos vigilantes nas responsabilidades que o Plano Superior nos conferiu.

•

Na pergunta 226, indaga o apóstolo da Codificação:

– "Poder-se-á dizer que são errantes todos os Espíritos que não estão encarnados?"

E os seus elevados mentores responderam:

– "Sim, com relação aos que devam reencarnar. Não são errantes, porém, os Espíritos puros, os que chegaram à perfeição. Esses se encontram em seu estado definitivo."

Segundo é fácil deduzir, "Espíritos errantes", na elucidação, não significa Espíritos vagabundos, desocupados, inertes, mas sim *sem residência fixa*, qual ocorre com todos nós, de vez que, de conformidade com a palavra dos instrutores de Allan Kardec, somente não são considerados "errantes" aqueles "que chegaram à perfeição", da qual, todos nós, a generalidade das criaturas terrestres, ainda nos achamos imensamente distantes.

•

Na pergunta 227, inquire o grande servidor da Verdade:

– "De que modo se instruem os Espíritos errantes? Certo não o fazem do mesmo modo que nós outros?"

E o esclarecimento veio, precioso:

– "Estudam e procuram meios de elevar-se. Vêem, observam o que ocorre nos lugares aonde vão; ouvem os discursos dos homens doutos e os conselhos dos Espíritos mais elevados e tudo isso lhes incute idéias que antes não tinham."

A resposta é segura. Os "Espíritos errantes", isto é, nós outros os viajores em demanda da perfeição suprema, inclusive a maioria das almas reencarnadas que permanecem na curta romagem do berço ao túmulo e que ainda voltarão muitas vezes ao educandário da carne, encontramos oportunidades de estudo e meios de elevação.

Ora, quem diz "estudo e elevação" refere-se a esforço e trabalho, disciplina e progresso.

Assim é que tanto na experiência física quanto na experiência espiritual, propriamente consideradas, nós, os viajores da senda evolutiva, não nos achamos órfãos da organização que nos define os méritos e deméritos.

Compreender-se-á, então, logicamente, que civilização e autoridade, agrupamento e ordem, escola e dignificação, hospital e penitenciária, embora diferenciados na expressão, escalonam-se e vigem para nós, os milhões de encarnados e desencarnados que vivemos ainda tão longe do acrisolamento absoluto.

•

Na pergunta 229, interroga o Codificador:

– "Por que, deixando a Terra, não deixam aí os Espíritos todas as más paixões, uma vez que lhes reconhecem os inconvenientes?"

E os orientadores aduziram:

– "Vês nesse mundo pessoas excessivamente invejosas. Imaginas que, mal o deixam, perdem esse defeito? Acompanha os que da Terra partem, sobretudo os que alimentaram paixões bem acentuadas, uma espécie de atmosfera que os envolve, conservando-lhes o que têm de mau, por não se achar o Espírito inteiramente desprendido da matéria. Só por momentos ele entrevê a verdade, que assim lhe aparece como que para mostrar-lhe o bom caminho."

A elucidação não deixa dúvidas.

Carreamos para além do sepulcro a sombra das ações deploráveis em que nos envolvemos, por efeito das paixões que acalentamos no próprio ser.

Somos prisioneiros das imagens infelizes a que nos afeiçoamos, quando na extensão do mal aos outros e a nós mesmos, imagens essas que se imobilizam, temporariamente, em nossa vida mental, detendo-nos nas grades do remorso e do arrependimento, até que atendamos à expiação necessária.

Em tais condições, a visão das verdades divinas surge em nossa consciência, tão-somente à maneira do relâmpago nas trevas que nós mesmos criamos, descerrando-nos o caminho regenerador que nos compete aceitar e seguir.

A morte física, como é racional, não nos subtrai, de improviso, dos íntimos refolhos do espírito, as conseqüências dos erros nefastos a que nos precipitamos, de vez que os pensamentos oriundos das faltas cometidas nos entrançam a alma às imposições do resgate.

•

Na pergunta 230, consulta o notável missionário.

– "Na erraticidade, o Espírito progride?" E os Benfeitores informam:

– "Pode melhorar-se muito, tais sejam a vontade e o desejo que tenha de consegui-lo. Todavia, na existência corporal é que põe em prática as idéias que adquiriu."

Outra vez reconhecemos os veneráveis mensageiros interessados em destacar a necessidade de serviço e educação, além-túmulo, aclarando, ainda, que todos nós, "os viajores da evolução", despendemos muitos séculos adquirindo ensinamentos na Vida Espiritual e aplicando-os na esfera física, de modo a assimilarmos com segurança, a golpes de trabalho no campo do tempo, os valores da perfeição.

•

Ainda na pergunta 232, Kardec argúi, meticuloso:

– "Podem os Espíritos errantes ir a todos os mundos?"

E a explicação veio clara:

– "Conforme. Pelo simples fato de haver deixado o corpo, o Espírito não se acha completamente desprendido da matéria e continua a pertencer ao mundo onde acabou de viver, ou a outro do mesmo grau, a menos que, durante a vida, se tenha elevado, o que, aliás, constitui o objetivo para que devem tender seus esforços, pois, do contrário, não se aperfeiçoaria. Pode, no entanto, ir a alguns mundos superiores, mas na qualidade de estrangeiro. A bem dizer, consegue apenas entrevê-los, donde lhe nasce o desejo de melhorar-se, para ser digno da felicidade de que gozam os que os habitam, para ser digno também de habitá-los mais tarde."

A resposta é tão brilhantemente positiva que não requisita comentários.

Vale, todavia, dizer que, muitas vezes, em desencarnando a alma do veículo de sangue e ossos, não se liberta mentalmente da experiência a que ainda se prende na vida terrestre, em torno da qual gravita por tempo indeterminado.

Ninguém acredite, pois, que o túmulo seja depósito de asas destinadas à elevação de quem não procurou elevar-se durante a passagem pelo seio da Humanidade.

Ascensão pede leveza.

Triunfo verdadeiro reclama heroísmo e glória.

Sublimação exige amor e sabedoria.

Felicidade não dispensa equilíbrio.

O preço da perfeição é trabalho contínuo de engrandecimento da alma.

Ninguém espere, assim, depois da morte, repouso e bem-aventuranças que não soube conquistar por si mesmo.

Serviço e hierarquia, aprendizado e aprimoramento são imperativos a que não conseguiremos fugir, tanto do berço para o túmulo quanto do túmulo para o berço, se desejamos marchar para a Vida Superior...

E enunciando semelhante realidade, não estamos fazendo mais que acompanhar a trilha de Allan Kardec, nas lições que o apóstolo admirável entesourou, em nosso benefício, há cem anos.

Pelo Espírito **André Luiz**

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier.)

Fonte: *Reformador*, abril de 1957, p. 103-104.

Saúde é **trabalhar**

RICHARD SIMONETTI

Ao longo de sua luminosa trajetória, Chico Xavier experimentou inúmeros problemas de saúde, sem permitir que os males físicos o inibissem.

Indagado, certa feita, se em algum momento sentira impaciência ou revolta, explicou:

– Não sofro tanto assim, porque a ciência médica está bastante avançada. Tenho, por exemplo, um processo de catarata inoperável e há décadas faço a medicação em meus olhos, com muita calma, porque considero, conforme me ensinou Emmanuel, que *a possibilidade de ver já é um privilégio*.

Notável postura, não é mesmo, leitor amigo? Um convite à reflexão em torno de males que não nos afligiriam tanto, se não os imaginássemos capazes de paralisar nossas iniciativas e descolorir nossa existência.

A forma como o Mentor espiritual passou-lhe essa convicção é bastante pitoresca.

Certa feita, lutando por debelar um processo hemorrágico no olho direito, Chico deixou de participar dos trabalhos mediúnicos por dois dias.

Emmanuel veio vê-lo.

– Por que não está trabalhando?

E Chico, ensaiando agastamento:

– Como o senhor sabe, estou com um olho doente.

O guia não deixou barato:

– E o outro, o que está fazendo? Ter dois olhos é luxo!

Chico conclui, após relatar o episódio:

– Poder trabalhar, não obstante a doença, já é quase saúde.

•

Diariamente, milhões de brasileiros justificam sua ausência no serviço, apresentando atestados médicos, a informar que estiveram impossibilitados de exercer suas funções.

Há algo do chamado *jeitinho brasileiro* em muitas dessas iniciativas, com as quais se pretende *matar* o serviço, em favor de alguns dias no *dolce far niente* dos italianos.

Em relação às atividades espirituais e filantrópicas, no Centro Espírita, acontece com freqüência maior, lamentavelmente.

Isso porque não há necessidade de atestado. Geralmente os faltosos nem se dão ao trabalho de avisar, ocasionando sérios embaraços em determinados setores.

Particularmente na atividade mediúnica, tal comportamento é altamente danoso, porquanto, não raro, um planejamento cuidadosamente elaborado pelos Benfeitores espirituais é prejudicado pela ausência de um ou mais participantes.

Deixam de comparecer por motivos triviais:

- Chuva.
- Frio.
- Cansaço.
- Desinteresse.
- Sono.
- Visita.
- Mal-estar.

Com relação a este último motivo, não se dão conta os médiuns de que, não raro, uma enxaqueca, uma dor, uma tensão nervosa, um *ânimo caído*, decorrem da presença da entidade que deverá comunicar-se por seu intermédio.

Os Mentores espirituais antecipam a ligação, a fim de que ocorra melhor familiaridade com o Espírito, favorecendo a manifestação.

O médium, que deveria saber disso, deixa de comparecer, por *estar doente*.

•

Em qualquer situação, no dia-a-dia, oportuno lembrar que o trabalho é o melhor remédio para nossos males.

Como o próprio Chico ensina, trabalhar, mesmo estando doente, já é um começo de recuperação.

Espiritualmente, haverá demonstração mais exuberante de saúde do que alguém disposto a servir, mesmo estando doente? ■

O Mestre e o Apóstolo

Luminosa, a coerência entre o Cristo e o Apóstolo que lhe restaurou a palavra.

Jesus, o Mestre.

Kardec, o Professor.

Jesus refere-se a Deus, junto da fé sem obras.

Kardec fala de Deus, rente às obras sem fé.

Jesus é combatido, desde a primeira hora do Evangelho, pelos que se acomodam na sombra.

Kardec é impugnado desde o primeiro dia do Espiritismo, pelos que fogem da luz.

Jesus caminha sem convenções.

Kardec age sem preconceitos.

Jesus exige coragem de atitudes.

Kardec reclama independência mental.

Jesus convida ao amor.

Kardec impele à caridade.

Jesus consola a multidão.

Kardec esclarece o povo.

Jesus acorda o sentimento.

Kardec desperta a razão.

Jesus constrói.

Kardec consolida.

Jesus revela.

Kardec descortina.

Jesus propõe.

Kardec expõe.

Jesus lança as bases do Cristianismo, entre fenômenos mediúnicos.

Kardec recebe os princípios da Doutrina Espírita, através da mediunidade.

Jesus afirma que é preciso nascer de novo.

Kardec explica a reencarnação.

Jesus reporta-se a outras moradas.

Kardec menciona outros mundos.

Jesus espera que a verdade emancipe os homens; ensina que a justiça atribui a cada um pelas próprias obras e anuncia que o Criador será adorado, na Terra, em espírito.

Kardec esculpe na consciência as leis do Universo.

Em suma, diante do acesso aos mais altos valores da vida, Jesus e Kardec estão perfeitamente conjugados pela Sabedoria Divina.

Jesus, a porta.

Kardec, a chave.

Emmanuel

Fonte: XAVIER, Francisco C.; VIEIRA Waldo *Opinião espírita*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 5. ed. Uberaba (MG): CEC, 1982. p. 23-25.

Pedra angular

DALVA SILVA SOUZA

Na arquitetura antiga, quando as construções eram feitas com pedras, uma das pedras era cuidadosamente selecionada na pedreira, para ser talhada no tamanho e formato corretos, a fim de receber o maior peso do edifício e sustentá-lo – era a *pedra angular*. Encontramos essa expressão usada de forma metafórica em alguns textos, com o objetivo de transmitir um ensinamento que nos parece extremamente útil.

No *Novo Testamento* (Pedro, 2:4-8):

"Caríssimos: Aproximai-vos do Senhor, que é a pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus.

E vós mesmos, como pedras vivas, entrai na construção deste templo espiritual, para constituirdes um sacerdócio santo, destinado a oferecer sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo.

Por isso se lê na Escritura: 'Vou pôr em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa; e quem nela puser a sua confiança não será confundido'.

Honra, portanto, a vós que acreditais. Para os incrédulos, porém, 'a pedra que os construtores rejeitaram tornou-se pedra angular', 'pedra de tropeço e pedra de escândalo'. Tropeçaram por não acreditarem na palavra, à qual foram destinados".

Observa-se a idéia de construção do templo como metáfora, utilizada com o objetivo de trabalhar o conceito da espiritualização do homem. O edifício que está sendo construído é o templo espiritual, os ouvintes são convidados a se tornarem pedras vivas da edificação, a fim de constituírem o corpo sacerdotal, isto é, tornarem-se propagadores da nova doutrina, habilitados a oferecer sacrifícios espirituais verdadeiramente agradáveis a Deus. Pedro destaca o conteúdo da profecia antiga, que mencionava uma pedra que seria rejeitada, mas que, aos olhos do Senhor, era a pedra angular desse edifício. A referência é clara a Jesus. Os contemporâneos dele, com raras exceções, não conseguiram alcançar o entendimento de sua Doutrina, nem visualizaram a importância de sua presença na Terra, mas seus ensinos são a essência do edifício de espiritualização, cujas bases foram lançadas nesses tempos antigos e que ainda estão em construção sob as vistas amorosas do Pai. Cada um que alcance a compreensão disso é uma pedra viva na edificação sublime, mas a pedra angular é Jesus.

Nas obras básicas do Espiritismo, a expressão é utilizada também como metáfora, encerrando preciosos ensinamentos:

1. "[...] o que Jesus colocou por *pedra angular* do seu edifício e como condição expressa da salvação: a caridade, a fraternidade e o amor do próximo [...]" *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXIII, item 15. (Destaque nosso.)

2. "[...] sua doutrina tem por base principal, por *pedra angular*, a lei de amor e de caridade." *O Evangelho segundo o Espiritismo,* cap. XIV, item 6.(Destaque nosso.)

Nos dois textos, Kardec utiliza a expressão para deixar claro que a essência do ensino de Jesus é a

reformador outubro 2006 - a.qxp 9/10/2006 11:14 Page 19

caridade, o amor ao próximo, fundamento desrespeitado pelos que, dizendo-se cristãos, armam-se contra seus semelhantes.

3. "A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de fonte primária, de *pedra angular* de toda a sua doutrina, é o ponto de vista inteiramente novo sob que considera ele a Divindade." *A Gênese*, cap. I, item 23. (Destaque nosso.)

Aqui o Codificador situa o conceito de Divindade da mensagem do Evangelho como base para uma nova filosofia, cuja conseqüência é o desenvolvimento da atitude correta das criaturas umas para com as outras. Concebendo Deus como Jesus ensinou, sabemos que Ele é Pai de todos – essa é a pedra angular de uma nova edificação, que coloca por terra o conceito antigo de um Deus parcial, que abençoava um povo para que prevalecesse sobre o outro.

4. "Não lestes jamais isto nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram se tornou a principal *pedra do ângulo*? Foi o que o Senhor fez e nossos olhos o vêem com admiração. – Por isso eu vos declaro que o reino de Deus vos será tirado e será dado a um povo que dele tirará frutos. – Aquele que se deixar cair sobre essa pedra se despedaçará e ela esmagará aquele sobre quem cair.

Tendo ouvido de Jesus essas palavras, os príncipes dos sacerdotes reconheceram que era deles que o mesmo Jesus falava." *A Gênese*, cap. XVII, item 27.

Nesse caso, a análise incide sobre o conteúdo da profecia que mencionava os atropelos dos que haveriam de rejeitar a pedra escolhida, que se tornaria pedra de escândalo e de tropeço para eles mesmos, e a possibilidade que tem a equipe espiritual de situar a mensagem de Jesus em outros contextos mais favoráveis, quando aqueles que foram chamados não se revelarem em condições de divulgá-la adequadamente.

As conclusões a que podemos chegar com esse estudo são bem claras: Jesus é a pedra angular do edifício da espiritualização da Humanidade e quem quiser ser pedra viva nesse templo em construção, como conclama Pedro, precisa aproximar-se do Senhor, isto é, evangelizar-se, seguir com o Mestre.

O Cristianismo, por sua vez, tem como pedra angular um novo conceito de Deus, que gera o imperativo do amor entre as criaturas. Os cristãos precisarão vivenciar e ensinar isso, para que se tornem as pedras vivas do edifício, mas sabemos que, ao longo dos séculos, o movimento organizado pelos homens distanciou-se de Jesus e, por isso, o Espiritismo veio na época prevista relembrar esses ensinos e acrescentar tudo o mais que, naquele tem-

po, ainda não poderíamos suportar, mas que agora, com o avanço das ciências, já nos habilitamos a apreender. Somos nós, espíritas, nos tempos modernos, chamados ao trabalho de colocar em prática o que Jesus propôs.

Mas, talvez o ensinamento mais interessante, no momento, para nós espíritas, quando tratamos desta metáfora, seja o da seguinte passagem:

"Tendo Jesus chegado às regiões de Cesaréia de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?

Responderam eles: Uns dizem que é João, o Batista; outros, Elias; outros, Jeremias, ou algum dos profetas.

Mas vós, perguntou-lhes Jesus, quem dizeis que eu sou?

Respondeu-lhe Simão Pedro: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

Disse-lhe Jesus: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelou, mas meu Pai, que *está* nos céus.

Pois também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja [...]." (Mateus, 16:13-18.)

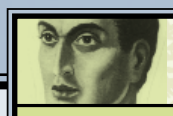
O Mestre confirma a informação dada por Pedro, deixando claro que Ele não era a reencarnação de nenhum profeta antigo. Hoje, à luz do Espiritismo, sabemos que a evolução de Jesus não se processou na Terra, pois, quando nosso planeta se constituiu, Ele já era um Espírito puro. Ao confirmar a resposta de Pedro, Jesus acrescentou que não haviam sido a carne e o sangue que propiciaram ao apóstolo tal conhecimento, mas o Pai que está nos céus. Isto é, a informação não lhe veio das possibilidades racionais do cérebro físico, mas da interação de Pedro com uma dimensão superior. Está explícita aí a origem mediúnica da informação veiculada pelo apóstolo. E o ensino que mais nos interessa vem no final do episódio quando Jesus acrescenta: "Pois eu também te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja".

A Doutrina Espírita está na Terra para a edificação moral do homem

Jesus usa, nesta passagem, metaforicamente, o conceito de construção, referindo-se à espiritualização do ser humano, como era habitual no contexto cultural daquela época. Sua igreja, tomando-se a etimologia do termo, deve ser entendida, não como organização religiosa formal, ou como templo de pedra, mas como assembléia, isto é, movimento de pessoas que haveria de dar prosseguimento ao trabalho que Ele iniciou. Esse movimento teria, então, como pedra angular a mediunidade bem utilizada, isto é, a possibilidade de entrar em contato com as esferas mais elevadas do mundo espiritual, a fim de trazer de lá o que seja fundamental para a edificação dos seres humanos, exatamente o que Pedro representou naquele momento, não havendo, pois, qualquer possibilidade de se identificar aí a instituição pelo Cristo de uma hierarquia sacerdotal.

Chegamos, enfim, à conclusão que nos interessa fixar. A Doutrina Espírita está na Terra para a edificação moral do homem, pela retomada dos ensinos de Jesus, apoiando-se na mediunidade bem utilizada, conforme orienta a Codificação. Essa a pedra angular do edifício espírita. A rejeição dessa pedra angular também tem sido motivo de tropeço para mais de uma instituição em nosso Movimento, ao longo do tempo. Estudar a mediunidade, entender seus fundamentos e aplicar-se à sua prática, conforme as orientações claras e precisas de *O Livro dos Médiuns,* é o que nos cabe fazer, para manter as luzes espirituais clareando o roteiro difícil destes tempos de transição pelo qual passamos. Sem isso, também para nós, a pedra angular será pedra de escândalo e tropeço, gerando mais e mais obstáculos a que possamos nos tornar, verdadeiramente, as pedras vivas do templo em construção, para cujo trabalho fomos convocados. ■

reformador outubro 2006 - a.qxp 9/10/2006 11:14 Page 21



Esflorando o **Evangelho**

Pelo Espírito **Emmanuel**

Madalena

"Disse-lhe Jesus: Maria!
– Ela, voltando-se, disse-lhe: Mestre!"
(JOÃO, 20:16.)

Dos fatos mais significativos do Evangelho, a primeira visita de Jesus, na ressurreição, é daqueles que convidam à meditação substanciosa e acurada.

Por que razões profundas deixaria o Divino Mestre tantas figuras mais próximas de sua vida para surgir aos olhos de Madalena, em primeiro lugar?

Somos naturalmente compelidos a indagar por que não teria aparecido, antes, ao coração abnegado e amoroso que lhe servira de Mãe ou aos discípulos amados...

Entretanto, o gesto de Jesus é profundamente simbólico em sua essência divina.

Dentre os vultos da Boa Nova, ninguém fez tanta violência a si mesmo, para seguir o Salvador, como a inesquecível obsidiada de Magdala. Nem mesmo Paulo de Tarso faria tanto, mais tarde, porque a consciência do apóstolo dos gentios era apaixonada pela Lei, mas não pelos vícios. Madalena, porém, conhecera o fundo amargo dos hábitos difíceis de serem extirpados, amolecera-se ao contato de entidades perversas, permanecia "morta" nas sensações que operam a paralisia da alma; entretanto, bastou o encontro com o Cristo para abandonar tudo e seguir-lhe os passos, fiel até ao fim, nos atos de negação de si própria e na firme resolução de tomar a cruz que lhe competia no calvário redentor de sua existência angustiosa.

É compreensível que muitos estudantes investiguem a razão pela qual não apareceu o Mestre, primeiramente, a Pedro ou a João, à sua Mãe ou aos amigos. Todavia, é igualmente razoável reconhecermos que, com o seu gesto inesquecível, Jesus ratificou a lição de que a sua doutrina será, para todos os aprendizes e seguidores, o código de ouro das vidas transformadas para a glória do bem. E ninguém, como Maria de Magdala, houvera transformado a sua, à luz do Evangelho redentor.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 92, p. 199-200.

reformador outubro 2006 - B.qxp 9/10/2006 11:22 Page 22

Espiritismo – O Consolador prometido por Jesus

HUGO ALVARENGA NOVAES

O Espiritismo é reconhecido pelos seus adeptos como sendo o Consolador que Jesus prometera enviar aos homens.

Baseando-se no que o Mestre disse, segundo consta no Evangelho de João, (capítulo 14, nos versículos de 15 a 17 e 26), cujo texto é o seguinte:

"Se me amais, guardai os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós. Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito".

O Espiritismo, como se sabe, é uma doutrina filosófica, cujos fundamentos estão centrados em fatos concretos e leis naturais, ressaltando disso o seu aspecto científico.

No entanto, essa doutrina, modificando profundamente o pensamento do homem sobre a sua natureza, abrange todas as questões sociais, e, conseqüentemente, as questões religiosas.

Emmanuel, o sábio mentor de Chico Xavier, em seu esclarecedor livro *O Consolador*, relata-nos que o Espiritismo possui um tríplice aspecto: o de ser, ao mesmo tempo, Ciência, Filosofia e Religião.

Vejamos este trecho:

"– Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais.

A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu.[...]"[1]

Equivocar-nos-íamos enormemente, se pensássemos que a tarefa do Mestre estivesse limitada àqueles tempos da Palestina.

Ele está atento todo o tempo, em relação aos destinos humanos, e sabe que não seria fácil para os homens o caminho da evolução espiritual, por isso prometeu que enviaria mais tarde um Consolador, como vimos anteriormente, no Evangelho de João, para relembrar o que Ele dissera e nos ensinar todas as coisas que não poderiam ser entendidas naquela época. Em outras palavras: futuramente, Ele daria ao homem um Consolador que prometera outrora, o qual se tornaria a Terceira Revelação que não é outra coisa senão a Doutrina codificada por Allan Kardec, pois ela cumpre aquilo que o Mestre Nazareno prometera. Ou seja: o conhecimento que leva o homem a saber de onde vem, para onde vai e porque está neste planeta; faz com que a dureza das provações se torne menos difícil, pois acende em cada um a luz da esperança, além de despertar o sentimento de religiosidade natural que o leva a dar mais importância às obras, do que à fé.

Livro *O Consolador*, psicografado por Francisco C. Xavier

Uma das principais características do Espiritismo é que ele nos aproxima de Deus, assim como daquele que é o seu maior mensageiro aqui na Terra – Jesus, o Cristo.

A Doutrina Espírita cumpre a promessa de Jesus, ensinando aos homens a observância das leis morais, fazendo-os compreender o que o Cristo havia dito por parábolas.

O Mestre Nazareno disse-nos no Evangelho, segundo o apóstolo Mateus (11:15):

"Quem tem ouvidos para ouvir, ouça".

O Espiritismo vem nos abrir os olhos e ouvidos, porque fala tudo clara e logicamente.

Levanta-nos o véu que há sobre certos mistérios.

Consola a todos aqueles que sofrem, dando-lhes uma causa justa em relação àquilo que estão passando no momento.

Se Jesus não falou tudo que teria para dizer, é que deveria deixar certas verdades na sombra até que os homens estivessem prontos para compreendê-las.

Isto nos fica claro na seguinte passagem do Evangelho segundo João (16:12):

"Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora".

Para nós, esta é uma prova incontestável da necessidade de aguardar a evolução da Humanidade, a fim de que esta pudesse suportar certos conteúdos que não seriam compreendidos na época do Cristo.

Conforme Ele mesmo declarou, seus ensinamentos estavam incompletos; e mais ainda, anunciava a vinda daquele que os deveria completar, dizendo-nos também as seguintes palavras no Evangelho segundo Marcos (13:31):

"Passará o Céu e a Terra, mas as minhas palavras não passarão".

Alguns pensam que é uma pretensão dos que professam o Espiritismo conferir ao mesmo o título de *Consolador*. No entanto, ele nos fornece as respostas que falam aos nossos corações, consolando-nos e preenchendo as lacunas deixadas pela cultura humana.

Se o Espiritismo cumpre tudo aquilo que Jesus nos prometeu, e se, além disso, dizendo-nos de onde viemos, para onde vamos e o que estamos fazendo na Terra, ensinando-nos ainda, como devemos viver neste planeta, a Doutrina codificada por Allan Kardec é realmente *o Consolador Prometido pelo Cristo*.

Somente através de uma reforma íntima persistente, consecutivamente ampla e constante, é que alcançaremos bem-aventuranças maiores tanto na Terra quanto no Céu.

Como bem afirmou um Espírito israelita, em Mulhouse, no ano de 1861:

"Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá".[2] ■

Referências:

[1]XAVIER, Francisco C. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. "Definição", p. 19.

[2]KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. 125. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. I, item 9, p. 63.

reformador outubro 2006 - B.qxp 9/10/2006 11:22 Page 24

O necessário e delicado intercâmbio mediúnico

WALDEHIR BEZERRA DE ALMEIDA

A História confirma que há dez mil anos, no Egito, já era corrente o intercâmbio com os desencarnados. Assírios e caldeus em épocas remotíssimas praticavam a desobsessão. Na Pérsia (atual Irã) do século XIV antes de Cristo, admitia-se que as almas dos mortos eram protetoras dos vivos. Foi naquele ambiente que Zoroastro se comunicou com elevados mensageiros espirituais e concebeu o livro sagrado do masdeísmo, o *Zend Avesta*.

Na linha da cultura judaico-cristã, a *Bíblia*, com inúmeros relatos de fenômenos mediúnicos, deixa patente que o intercâmbio entre o mundo visível e o invisível foi sempre uma prática natural, demonstrando ser a mediunidade um poderoso instrumento a serviço do progresso humano. Por ela, os irmãos do outro lado da vida atendem caridosamente o nosso chamado ou vêm espontaneamente em nosso socorro, oferecendo-nos orientação, conselho, instrução e consolação. Não poucas vezes, por solidariedade, advertem-nos quanto aos nossos atos e propõem correções em nossos projetos de vida, na esperança de melhorar o mundo para o qual retornarão.

Durante os três primeiros séculos de nossa Era, o uso da mediunidade para o intercâmbio com as esferas espirituais transformou-a em fator propulsor para a divulgação do Cristianismo, quando os apóstolos eram naturalmente orientados pelos Espíritos sobre como agir para mais fielmente servirem à obra do Senhor. Paulo, o apóstolo dos gentios, chegou mesmo a traçar normas disciplinares para o exercício e correta realização do intercâmbio espiritual. (I Cor., 12 e 14.)

Ao missionário Allan Kardec coube, no entanto, estabelecer com mais precisão princípios morais e racionais para o correto uso da mediunidade, considerando que os Espíritos são as almas dos homens que viveram na Terra e continuam envolvidos conosco, fazendo a nossa História. Para tanto, escreveu *O Livro dos Médiuns.* Nele encontramos teorias sobre as manifestações espíritas, instruções e orientações seguras de como entrar em contato com o mundo espiritual; alertas sobre suas dificuldades, e os princípios morais que devem nortear essa prática. A partir do Codificador, no âmbito da Doutrina Espírita, toda produção mediúnica, seja ela científica, filosófica ou religiosa, passará pelo crivo da razão, sendo analisada pelo seu conteúdo e não pela forma nem pela sua origem. Esse procedimento evita que os falsos profetas da erraticidade tomem o lugar dos verdadeiros arautos do Cristo, na complementação da Terceira Revelação.

O grupo espírita que pretenda produzir bons frutos pelo intercâmbio com os Espíritos deverá tomar sérias precauções no sentido de minimizar a interferência de mentes inferiores encarnadas e desencarnadas na produção mediúnica final. Em virtude da delicadeza do intercâmbio e com a intenção de cooperar nessa prática tão necessária, resgatemos alguns ensinamentos dos Mentores espirituais.

No que diz respeito aos Espíritos comunicantes, alerta-nos Emmanuel:

– "[...] a maioria das entidades comunicantes são verdadeiros homens comuns, relativos e falhos, porquanto são almas que conservam, às vezes integralmente, o seu corpo somático e cujo habitat é o

próprio orbe que lhes guarda os despojos e as vastas zonas dos espaços que o cercam, atmosferas do próprio planeta, que poderíamos classificar de colônias terrenas nos planos da erraticidade".[1]

Diante disso, há que se ter seriedade e amor ao bem para que venhamos conseguir as comunicações de que somos dignos, da forma mais pura possível. Sabemos que não é comum se obter mensagens escritas ou faladas de conteúdo inédito dos irmãos que conosco mourejam nas casas espíritas.

Quanto a isso, o Mentor de Chico Xavier acrescenta:

"Dos motivos expostos, infere-se que a suposta vulgaridade dos ditados mediúnicos é um fato naturalíssimo, porque emanam das almas dos próprios homens da Terra, imbuídos de gosto pessoal [...]. Procuram agir no plano físico unicamente para demonstração da sobrevivência além da morte, levantando os ânimos enfraquecidos, porque dilatam os horizontes da fé e da esperança no futuro, porém, jamais serão portadores da palavra suprema do progresso, não só porque a sua sabedoria é igualmente relativa, como também porque viriam anular o valor da iniciativa pessoal e a insofismável realidade do arbítrio humano."[2]

Outro fator significativo que interfere no resultado dos trabalhos mediúnicos, sem nenhum desdouro para todos que atuamos nas reuniões onde o intercâmbio se dá, é a nossa interferência mental, consciente ou inconsciente, no processo de comunicação. O Espírito André Luiz, estudando a atuação das ondas mentais, conclui que:

"[...] *o pensamento*, a formular-se em ondas, *age de cérebro a cérebro*, quanto a corrente de elétrons de transmissor a receptor, em televisão.

Não desconhecemos que todo Espírito é fulcro gerador de vida onde se encontre.

E toda espécie de vida começa no impulso mental.

Sempre que pensamos, expressando o campo íntimo na ideação e na palavra, na atitude e no exemplo, *criamos formas-pensamentos ou imagens-moldes* que arrojamos para fora de nós, pela atmosfera psíquica que nos caracteriza a presença.

Sobre todos os que nos aceitem o modo de sentir e de ser, consciente ou inconscientemente, *atuamos à maneira do hipnotizador sobre o hipnotizado*, verificando-se o inverso, toda vez que aderimos ao modo de ser e de sentir dos outros".[3] (Grifamos.)

Dessas afirmativas, podemos concluir que em um grupo de trabalho mediúnico todas as mentes presentes estão interagindo entre si, com mais propriedade à daquele que se coloca como intermediário direto dos Espíritos. Segundo LIMA (2005), a partir da relatividade de tudo o que nos envolve, "se estabelece que não há fenômeno *de per si*: Vale dizer: todo fenômeno depende parcialmente do observador e são as condições deste que determinam as conclusões sobre aquele". E, mais à frente, cita o eminente cientista John Wheeler que propõe a substituição da palavra *observador* por *participante* nas experimentações de

qualquer natureza.[4] Logo, numa reunião mediúnica ninguém é simplesmente observador...

Essas realidades são trazidas aqui, não para desestimular o contato com os Espíritos, mas sim, para que busquemos essa interlocução com intento sério e sem a pretensão de resultados acima das nossas condições espirituais; com humildade e seriedade. O contato com os irmãos que nos precederam e continuam do "outro lado" e ao "nosso lado", na luta pela implantação da fraternidade no mundo, é um estímulo para todos nós: alimenta-nos a esperança, fortalece-nos o ânimo e encoraja-nos para a luta de cada dia. Não isolemos os familiares e amigos que nos precederam e que comungam do mesmo ideal, alegando disciplina e respeito aos "mortos", ou ainda, que os Espíritos já disseram o que tinham de dizer na Codificação e nas obras complementares...

O Codificador não é tão rigoroso assim e encontra razões bastante humanas para nos incentivar o intercâmbio com os desencarnados. Diz ele:

"A possibilidade de nos pormos em comunicação com os Espíritos é uma *dulcíssima consolação*, pois que nos proporciona meio de *conversarmos com os nossos parentes e amigos*, que deixaram antes de nós a Terra. Pela evocação, aproximamo-los de nós, eles vêm colocar-se ao nosso lado, nos ouvem e respondem. *Cessa assim, por bem dizer, toda separação entre eles e nós. Auxiliam-nos com seus conselhos, testemunham-nos o afeto que nos guardam e a alegria que experimentam por nos lembrarmos deles.* Para nós, grande satisfação é sabê-los ditosos, informar-nos, *por seu intermédio,* dos pormenores da nova existência a que passaram e adquirir *a certeza de que um dia nos iremos a eles juntar*".[5] (Grifamos.) Mas é natural que Allan Kardec, conhecendo a delicadeza desse intercâmbio, estabelecesse condições ideais para esse encontro, as quais aqui apresentamos:

- "Perfeita comunhão de vistas e de sentimentos;
- Cordialidade recíproca entre todos os membros;
- Ausência de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;
- Um único desejo: o de se instruírem e melhorarem, por meio dos ensinos dos Espíritos [...];
- Exclusão de tudo o que, nas comunicações pedidas aos Espíritos, apenas exprima o desejo de satisfação da curiosidade;
- Recolhimento e silêncio respeitosos, durante as confabulações com os Espíritos;
- União de todos os assistentes, pelo pensamento [...];
- Concurso dos médiuns da assembléia com isenção de todo sentimento de orgulho, de amor-próprio e de supremacia e com o só desejo de serem úteis".[6]

Atendidos esses requisitos mínimos, busquemos o diálogo com os Espíritos. Descubramos na mensagem advinda a sua essência, sem optarmos pelo exagero de tudo creditar ao animismo, desprezando a alegria e a consolação que o momento nos oferece. O médium interpreta e dá forma ao pensamento do comunicante. A cada um dos presentes compete atribuir-lhe o valor que o seu contexto íntimo permite, sem exageros de racionalidade e com pureza de coração. O momento exige o equilíbrio do coração e da razão. Respeitemos as dificuldades que os Espíritos encontram para transmitir suas idéias, as dos médiuns que se tornam alvos de dardos mentais de encarnados e desencarnados no exercício de seu labor, e agradeçamos aos "mortos" pela abnegação e esforço em nos atender.

O momento é delicado, mas muito necessário a todos que buscamos apoio para nossa renovação. ■

Referências:

[1]XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel.* Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. XXVIII, p. 151.

[2]*Idem, ibidem.* p. 151-152.

[3]XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade.* Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 11, "Pensamento e televisão", p. 91-92.

[4]LIMA, Moacir Costa de Araújo. *A era do espírito.* 1. ed. Porto Alegre: Gráfica Editora Comunicação Impressa, 2005. p. 24.

[5]KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos.* 87. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Questão 935. Comentário de Kardec.

[6]_____. *O livro dos médiuns.* 78. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Item 341.

reformador outubro 2006 - B.qxp 9/10/2006 11:22 Page 27

Vianna de Carvalho

80 anos de desencarnação

LUCIANO KLEIN FILHO

Com entusiasmo e perseverança, desde alguns anos temos procurado rastrear os passos luminosos de Manoel Vianna de Carvalho, alma preexcelsa, exemplo de inclinação missionária, baluarte de um trabalho incomparável na difusão dos postulados espíritas por todo o País. Entre os seus pósteros, todavia, bem poucos conhecem a dimensão exata de seu labor, disseminando os princípios de uma verdade consoladora: a doutrina sistematizada por Allan Kardec.

Neste mês de outubro relembramos o 80º aniversário de seu regresso ao mundo espiritual. Lamentavelmente, em razão do descaso para com a memória histórica do nosso Movimento, poucos conhecem a vida de um dos mais fiéis apóstolos da Terceira Revelação.

Eis, pois, seu perfil biográfico.

Manoel Vianna de Carvalho nasceu na cidade de Icó, Ceará, a 10 de dezembro de 1874. Era filho de Tomás Antônio de Carvalho, professor de Música e Língua Portuguesa da Escola Normal, e de Josefa Vianna, mulher de raras virtudes. Em Fortaleza, estudou no Liceu do Ceará. Em 1891, matriculou-se na Escola Militar do Ceará, onde se destacaria pelo brilho de sua inteligência. Nesse mesmo ano, juntamente com outros cadetes, conheceu o Espiritismo, organizando na própria escola um grupo de estudos doutrinários.

Em 1894, ainda na capital cearense, avultou como poeta, participando da fundação do Centro Literário, agremiação dissidente da célebre Padaria Espiritual. No ano de 1895, transferiu-se para o Rio de Janeiro, matriculando-se no Curso Superior da antiga Escola Militar da Praia Vermelha. Passou a freqüentar a União Espírita de Propaganda do Brasil.

Ali, Vianna de Carvalho destacou-se como um dos mais ardorosos trabalhadores do grupo, passando a ocupar a tribuna, quase todas as noites. Sua aparência juvenil não fazia diferença, porque seu verbo inspirado e eloqüente embevecia os ouvintes, concorrendo para aumentar, diariamente, o número de curiosos por ouvi-lo.

Em 1896, foi transferido para Escola Militar de Porto Alegre. Procurou, então, alguns confrades e, numa casa abandonada, desprovida de mesas e cadeiras, dentro de um terreno baldio no bairro do Parthenon, começou a divulgar o Espiritismo. Em seguida, fundou um núcleo de estudos no andar térreo de uma casa comercial, na Rua dos Andradas. Convocou diversas pessoas, entre as quais Mercedes Ferrari que, animada pelo cadete Vianna e com o apoio de outros companheiros, deu grande impulso ao Movimento Espírita local.

Ainda em 1898, regressou ao Rio de Janeiro e retomou os trabalhos na União Espírita de Propaganda do Brasil, passando a ser requisitado para proferir conferências em todo o Distrito Federal, na época no Rio de Janeiro. ▸

No ano de 1898, de novo em Porto Alegre, publicou a sua primeira obra literária, *Facetas*, cuja segunda edição, lançada em 1910, foi prefaciada pela poetisa Carmen Dolores, pseudônimo da escritora Emília Bandeira de Melo. O livro mereceu os melhores elogios da crítica. Em 1923, publicou *Coloridos e Modulações*, coletânea de suas crônicas, escritas durante vários anos em periódicos espíritas e literários. A obra foi igualmente muito bem recebida.

Em 1905, foi transferido para o 8º Batalhão de Infantaria, em Cuiabá. Naquela cidade, fundou o Centro Espírita Cuiabano, em 1906, dotando-o do necessário ao seu bom funcionamento, sendo seu primeiro presidente. Em 1907, retornou ao Rio de Janeiro a fim de se matricular no Curso de Engenharia da Escola Militar do Realengo. Dessa vez realizou uma série de conferências na Federação Espírita Brasileira e no auditório da antiga Associação dos Empregados do Comércio, com platéias cada vez maiores. Foi convidado para conferências em São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e em todo o Estado do Rio de Janeiro, sendo, em muitas dessas excursões acompanhado por Ignácio Bittencourt, diretor do jornal *Aurora*, em cujas páginas Vianna emprestou a sua colaboração, como em tantos outros periódicos, espíritas e laicos, por todo o País. Em 1910, concluiu o Curso de Engenharia Militar e mudou-se para Fortaleza em abril daquele ano.

O Espiritismo no Ceará floresceu na última década do século XIX, mercê da persistência do grande pioneiro Luiz de França de Almeida e Sá, fundador do Grupo Espírita Fé e Caridade. Na virada do século, surgiram mais dois grupos na cidade de Maranguape, o *Verdade e Luz* – que editou, em 1901, o jornal *Luz e Fé* – e o *Caridade e Luz*, organizado em agosto de 1902, e que publicava o jornal *Doutrina de Jesus* e mantinha a Escola Cristã, de 1902, uma das primeiras escolas vinculadas a uma sociedade espírita no Brasil. Contudo, esses grupos de reuniões familiares não tiveram longa duração, e não mais existiam quando da chegada de Vianna.

O grande ímpeto da Doutrina dos Espíritos no Ceará só ocorreu, efetivamente, a partir de 1910, com a chegada de Vianna de Carvalho. Sua estada em Fortaleza, de maio daquele ano até novembro de 1911, foi pródiga de realizações. Logo ao chegar, procurou arregimentar forças para organização do Movimento Espírita local. Publicou, repetidas vezes, nas páginas do jornal *Unitário*, anúncios como este:

Peço aos espíritas do interior do Ceará, bem como aos socialistas, maçons, livres pensadores, adeptos em geral das idéias modernas, o obséquio de me enviarem os seus endereços para fins de propaganda.

Vianna de Carvalho

Endereço: Rua 24 de Maio, nº 26.

Promoveu o estudo sistemático de *O Livro dos Espíritos* e fez conferências semanais nos salões das lojas maçônicas "Amor e Caridade", "Igualdade" e "Liberdade". Essas preleções – que passaram a ser publicadas, sinteticamente, nos jornais *Unitário* e *A República* – tiveram repercussão extraordinária e motivaram imediata reação de líderes católicos que, pelos jornais *Cruzeiro do Norte* e *O Bandeirante*, combateram o Espiritismo e seu fiel arauto. A campanha insidiosa, em vez de prejudicar, aumentou grandemente o interesse pela Doutrina.

Entretanto, o corolário do profícuo labor desse filho de Icó foi a fundação, em junho de 1910, do Centro Espírita Cearense, que funcionaria na Rua Santa Isabel, nº 105 (hoje Princesa Isabel, nº 255), bem no coração da cidade.[1]

O *Unitário*, na edição do dia 22 de junho, registrou este memorável acontecimento.

Domingo (19), a uma hora da tarde, realizou-se no palacete da Fênix Caixeiral, a sessão solene de fundação do Centro Espírita Cearense.

Presidiu-a o ilustre magistrado Sr. Desembargador Olympio de Paiva, que teve a secretariá-lo os senhores Miguel Cunha e Francisco Prado. [...] Em seguida foi dada a palavra ao Sr. Dr. Vianna de Carvalho que produziu brilhante e erudita peça oratória discorrendo largamente sobre a Doutrina Espírita. Sua Senhoria foi delirantemente aplaudido.

.....

Estiveram presentes à sessão inúmeros cavalheiros de distinção e

[1]Atualmente funciona no local a Federação Espírita do Estado do Ceará.

várias famílias, que assinaram a ata de fundação da novel associação. Foi grande o número de pessoas que se inscreveram como sócios do Centro Espírita Cearense.

Aos esforçados membros do Centro, enviamos os nossos votos para que tenham completo êxito em seu nobilíssimo desideratum.

Na conferência de inauguração do Centro, Vianna lamentou que no Ceará, *onde têm surtido os mais belos empreendimentos, ainda não se apercebesse da necessidade imperiosa de organizar um centro espírita,*[2] *enquanto em outros estados, mesmo os mais longínquos, o Espiritismo tem sulcado profundo a sua ação benéfica pela profusão espantosa de todos os ensinamentos capazes de remodelar os sentimentos incompatíveis com a verdadeira e genuína religião do Cristo.* Disse mais, que era em nome da Federação Espírita Brasileira que assim falava e pediu ao Sr. Presidente que *em nome daquela conspícua corporação, declarasse fundado nesta capital o Centro Espírita Cearense.*[3]

O Centro Espírita Cearense passou a desenvolver notável serviço no campo da propaganda doutrinária (promoção de estudos, conferências, criação do jornal *O Lábaro*, etc.) e no campo assistencial.

A partir de Fortaleza, Vianna de Carvalho sofreria intensa perseguição de influentes membros da Igreja, que passaram a pleitear sua transferência junto às autoridades militares. Assim, em novembro de 1911, depois de um ano e seis meses de grandes serviços prestados à Causa, partiu para a Capital Federal.

Em outubro de 1923, regressou a Fortaleza como chefe interino do Estado Maior da 7ª Região Militar, com sede em Recife, no desempenho de importante comissão do Ministério da Guerra. Aproveitou a oportunidade para rever amigos e fazer conferências no Centro Espírita Cearense, que então já possuía sede própria, e na Loja Liberdade.

No dia 10 de abril de 1924, voltou para assumir as funções de fiscal do 23º Batalhão de Caçadores. Largo círculo de seus amigos e admiradores o recepcionou no desembarque. Em julho desse ano, assumiria o comando interino do referido Batalhão.

Vianna permaneceu em Fortaleza até 11 de setembro de 1924. Proferiu conferências e participou de atividades culturais. Decorridos treze anos de sua fecunda tarefa na organização do Movimento Espírita cearense, não enfrentou as mesmas resistências da outra vez porquanto, além do respeito que lhe impunha o novo posto e função, vários intelectuais, figuras conspícuas da sociedade fortalezense, haviam se convertido ao Espiritismo. Entre estes, o tenente-coronel Francisco de Sá Roriz (1870-1925), que fora chefe de polícia no governo do general Setembrino de Carvalho, e fundador, em 1916, da Faculdade de Farmácia e Odontologia.

No Rio de Janeiro, juntamente com Ignácio Bittencourt, fundou a União Espírita Suburbana; com Arthur Machado, a Tenda Espírita de Caridade. Realizou inúmeras conferências públicas no Cine-Teatro Odeon e na Escola Nacional de Música.

Vianna percorreu as principais cidades brasileiras do início do século XX. Em Recife, onde já era grande a sua fama, fundou, com Antônio José Ferreira Lima e Manoel Aarão, a Cruzada Espírita Pernambucana, em 1923. Pregou no Cine-Teatro Polyteama e no Teatro Santa Isabel. Os jornais *A Província* e o *Diário de Pernambuco*, noticiavam que o público para ouvi-lo era incalculável, com pessoas de todas as classes sociais. Foi ele quem, em 1914, levantou a campanha para evangelização das crianças nos centros espíritas, sugerindo a criação das Aulas de Moral Cristã.

Em 1926, quando servia em Aracaju, adoeceu gravemente, vitimado por um tipo grave de beribéri. Era o comandante interino do 28º Batalhão de Caçadores, no posto de major. Diante da gravidade do seu estado de saúde, os médicos o encaminharam para o Hospital de São Sebastião, em Salvador. Foi conduzido de maca até o vapor "Íris". Nas proximidades da praia de Amaralina, às 6h30 da manhã do dia 13 de outubro de 1926, desencarnou a bordo, aos 51 anos. ■

---

[2]Ele se refere a um Centro Espírita legalmente constituído.

[3]Ata de Fundação do Centro Espírita Cearense.

reformador outubro 2006 - B.qxp 9/10/2006 11:22 Page 30

A resposta de Deus

Eliana Thomé

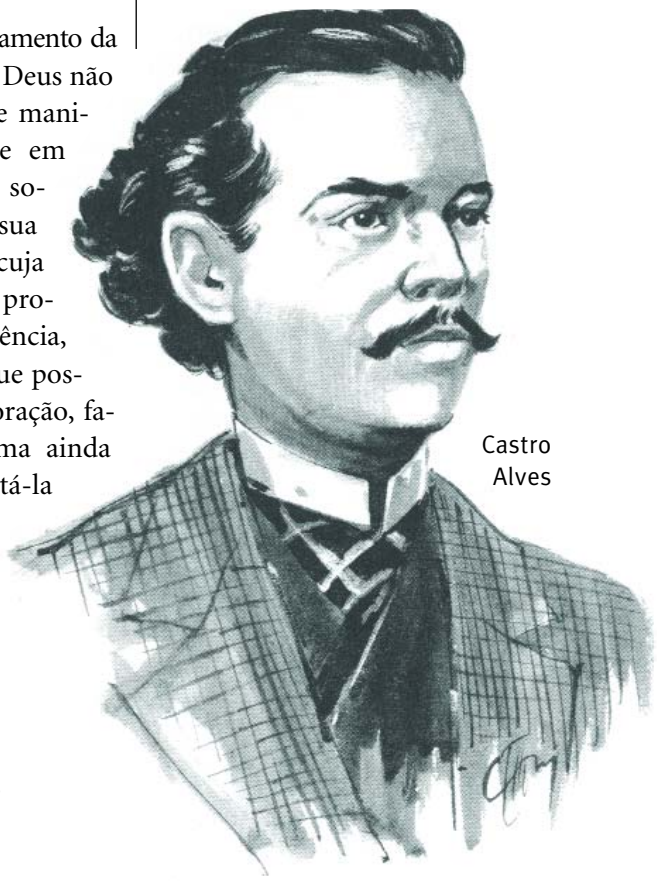
"Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?", escrevia Antônio Frederico de Castro Alves em *Vozes d'África*, poema publicado em 1883, doze anos após sua morte, que se traduziu num brado contra a Escravatura, causa que o poeta abraçou com coração palpitante em toda sua obra, em grandes textos de cunho social.

Autor ainda de *Espumas Flutuantes*, único dos seus livros publicado em vida, e de poemas como *Navio Negreiro*, onde retrata o sofrimento do negro escravo, Castro Alves não é o único a questionar os caminhos da vida e a buscar em Deus as respostas para as venturas e provas pelas quais passa a Humanidade.

A busca de Deus tem sido uma constante na vida humana. Aliás, arriscaríamos mesmo dizer que ela tem ocupado o homem ao longo de toda sua história, de toda sua trajetória, consciente ou inconscientemente, não importando a escola religiosa que professa ou deixa de professar. Quando Allan Kardec indaga em *O Livro dos Espíritos* que conclusão podemos tirar do sentimento instintivo que todos os homens trazem em si mesmos da existência de Deus,[1] os Espíritos respondem que é a prova de que Deus existe; acrescentando que esse sentimento nada seria se repousasse sobre o vazio; lembrando assim o princípio de que "não há efeito sem causa".

Eis aí o grande ensinamento da Doutrina dos Espíritos: Deus não somente existe como se manifesta permanentemente em nós, chancelados que somos pelo seu amor, pela sua vibração permanente, cuja voz se faz ouvir no mais profundo de nossa consciência, no maior sentimento que possa palpitar em nosso coração, fazendo vibrar nossa alma ainda imperfeita, como a alertá-la sobre algo que supera o próprio homem, e que é maior que o mundo e tão infinito quanto o Universo.

Deus nos responde ainda, através de suas leis perfeitas e justas, que impõem o progresso do ser e desenham a sua felicidade. E o final feliz, ansiado e projetado em todas as consciências da Terra, só será possível quando houver a compreensão de que somente em Deus, o Bem e o Amor personificados, poderá o homem encontrar a medida exata da evolução;



Castro Alves

caso contrário é dor, é retorno, é reparo "tantas vezes quantas forem necessárias", segundo ensina o Evangelho.

Por isso, a maldade que grassa hoje na Humanidade, atinge os lares e perturba os seres é passageira e finita, se levarmos em conta que haveremos todos de evoluir e de ascender para o Pai. A vida se constitui de estágios obrigatórios que a alma em evolução realiza em mundos inferiores para ampliar sua inteligência e aprender a equilibrar sentimentos, ou seja, desenvolver-se e crescer nas difíceis experiências da carne, em mundos materiais.

Assim é que sem a compreensão verdadeira da vida – a que extrapola as campas dos cemitérios –, o homem, por hábito, fuga ou preguiça, corrompe-se e endivida-se com as leis divinas e com aqueles com os quais trilha a mesma jornada evolutiva; a exemplo da escravidão que atingiu o Brasil colonial em pleno século XVI, lembrada pelo poeta. Muito, acreditamos, deve ter se compadecido Deus dos homens nesse momento e muito deve o Brasil pagar ainda hoje pela afronta aos filhos encarcerados e supliciados. Uma ação que repercute no tempo, exigindo função corretiva de todos os envolvidos através da bênção da reencarnação.

Oferece-nos assim a vida o palco necessário para o reajuste e reparo de nossos erros anteriores. O enredo desse grande teatro se traduz nos atos praticados ontem, que, somados às atitudes e aos pensamentos e ações de hoje, se desenrolarão adiante, além no tempo e no espaço, no mundo e fora dele, buscando finalmente a harmonia da grande lei de amor entre os homens, no tributo que todos devemos ao Pai.

Enquanto isso não acontece, Deus a tudo observa, a tudo acompanha com infinita bondade, dando-nos as condições necessárias à nossa vitória. Cada encarnação na Terra se traduz em oportunidade de ouro para colocarmos um fim no sofrimento de ontem e plantar a felicidade de amanhã, no aguardo da conquista do Reino dos Céus prometido por Jesus, que é a consciência do justo em paz consigo mesmo pelo dever cumprido.

Assim, devemos findar a busca de Deus, encontrando-o em nós, primeiramente, honrando a vida e as oportunidades de redenção que ela nos oferece, e, depois, procurando no próximo o reajuste que se faz necessário. Seguindo o apóstolo Paulo, eis o que nos convém realizar, cansados que estamos de sofrer e chorar.

Mas saibamos antes, como nos alerta Léon Denis em *Depois da Morte*,[2] que "Deus não se manifesta aos sentidos". Está, diríamos, em toda parte, em tudo e em todos, conforme os ensinamentos espíritas. Importa agora não mais humanizá-lo, nem buscá-lo em ídolos de barro, ídolos materiais, falíveis, e em idéias pequenas, represando sua força em sinais e amuletos materiais.

Deus nos ouve em todos os instantes, por toda a Eternidade. É o Pai de todos, é a Inteligência que anima tudo, e "não pode ser individualizado".[3]

Deus também não se esconde, pois a Revelação não obra no escuro. A Perfeição não pode ser tocada e sim, sentida; como sentimos a Arte dos nossos maiores artistas, guardando as devidas proporções, já que é impossível comparar o homem a Deus: um é Pai, o outro, filho; um é o Criador, o outro, criatura.

Deus é a Luz do mundo, a vibração de todo o Universo. Podemos entender melhor Deus, compreendendo o mundo onde habitamos, como explica Kardec: "[...] tudo atesta uma idéia diretora, uma combinação, uma previdência, uma solicitude que ultrapassam todas as combinações humanas [...]."[4]

Deus é a Causa de todo o bem que nos rodeia, de todo o bem que nos anima e de todo o bem que devemos conquistar em nós. Importante o papel da Doutrina Espírita quando nos revela a essência espiritual e a ilimitada grandeza de Deus. ■

Referências:

[1]KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. 12. ed. de bolso. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Parte Primeira, cap. I, questão 5.

[2]DENIS, Léon. *Depois da morte*. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Parte Segunda, cap. IX, "O Universo e Deus", p. 110.

[3]*Idem, ibidem.*

[4]KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Ed. Especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira Parte, "Profissão de fé espírita raciocinada", p. 39-40.

reformador outubro 2006 - B.qxp 9/10/2006 11:22 Page 32

Muito à frente de seu tempo

Há 150 anos, Kardec fez jornalismo à moda do século XXI

SÔNIA ZAGHETTO

Mulheres têm Alma? Conversas de Além-túmulo com os Espíritos Mozart e Chopin, Um Espírito nos Funerais de seu Corpo, Os Milhões do Sr. Allan Kardec. Foi com títulos atraentes, assuntos interessantes e um incrível senso de oportunidade que Allan Kardec se tornou o melhor jornalista da história do Espiritismo. Ler a *Revista Espírita* é um prazer. Nas suas páginas estão perfeitamente atendidos os que desejam estudar o Espiritismo de forma séria e os que são atraídos pelas notícias leves e por curiosidades. Nesse caso – justiça se faça – o maior mérito de Kardec foi seguir com rigor a orientação dada a ele no dia 15 de novembro de 1857.*

Exatamente sete meses após a publicação de *O Livro dos Espíritos*, ele já cogitava a publicação de um jornal para divulgar a Doutrina. Temia que outros lhe tomassem a frente. Evocou os Espíritos e apresentou o projeto. Afinal, tratava-se de uma ferramenta de interação direta com o grande público. Com ela, o Espiritismo sairia dos círculos restritos para ganhar o mundo. A orientação espiritual confirmou essa visão avançada: a divulgação pela imprensa seria um poderoso auxiliar da Doutrina que nascia. Registre-se que a mensagem obtida pela médium Ermance Dufaux pode ser incluída em qualquer compêndio atual de Teoria da Comunicação. Sugeria evitar a monotonia, buscar assuntos que atendessem simultaneamente ao homem de ciência e à curiosidade popular; manter a periodicidade; e cuidar para que a primeira impressão – decisiva – fosse a melhor possível.

Uma recomendação dos Espíritos foi particularmente preciosa: "A apresentá-lo defeituoso, melhor será nada fazer [...]". Nascia ali a diretriz de qualidade editorial que norteou a *Revista* enquanto Kardec esteve à frente da publicação. Lições importantes nos dias atuais, em que se ensaia a estruturação de uma comunicação social espírita.

Antes que se atribua o senso jornalístico de Kardec tão-somente à orientação espiritual, vale a pena lembrar que muitos requisitos exigidos pelo jornalismo são detectáveis nele bem antes do aparecimento da *Revista Espírita*: argúcia, discernimento perante as informações, bagagem intelectual, adoção de procedimentos como checagem da informação e, claro, ser um ótimo perguntador. Quem negaria que essas são algumas das mais marcantes características de Rivail, todas decisivas nas obras da Codificação?

Acredite: além de leitura estimulante, a *Revista Espírita* é ideal para quem deseja conhecer o homem Allan Kardec. Ali, ele expõe múltiplas facetas. Se o jornalista se revela no texto direto e na seleção de assuntos que prendem a atenção, o ser humano encantador surge em comentários sobre as coisas de seu

**Obras póstumas*. Ed. Especial. Segunda Parte, "A *Revista Espírita*", p. 356-357.

reformador outubro 2006 - B.qxp 9/10/2006 11:22 Page 33

tempo e em artigos que traduzem uma alma que sonhava com o etéreo mas tinha pés bem fincados na realidade. Coragem e segurança se mostram nas evocações dos Espíritos de gente famosa, extraindo-lhes confissões de felicidade ou de tormenta pós-morte, expondo vivências que servem de exemplo e reflexão para os leitores. A transparência com que prestava contas desvela o administrador consciente, maduro, que convivia com o pensador robusto e o intelectual sintonizado com as novidades socioculturais e científicas de sua época.

Análises como essa parecem apontar para uma certa idealização de Kardec. Nada disso. É inegável que ele é um Espírito com grandes conquistas intelecto-morais, o que não é pouco. Idealizá-lo é desnecessário, uma vez que a solidez de sua obra fala por si. A vantagem da (re)leitura desses textos, que harmonizam jornalismo e doutrina, é justamente porque neles o Codificador expõe uma atitude pessoal que ele estendeu ao Espiritismo: submeter-se à avaliação do público sem demonstrar qualquer temor do julgamento. Em suma: permitir-se rever idéias, reinventar-se desde que necessário. O desafio de nossos dias é imitá-lo. ■

Capacitação do Trabalhador do **Grupo Mediúnico**

Treinamento nas Federativas do Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte

Considerando a importância de se fazer uma reflexão mais aprofundada a respeito das práticas mediúnicas existentes nas casas espíritas e das possíveis distorções doutrinárias aí existentes; considerando a urgente necessidade de minorar os processos obsessivos e a redução das taxas de suicídio que marcam a sociedade contemporânea; considerando também a importância de unificar ações e procedimentos no Movimento Espírita federativo, na área da mediunidade, algumas Federativas da Comissão Regional Nordeste promoveram, com apoio e trabalho conjunto da Federação Espírita Brasileira, a capacitação do trabalhador do grupo mediúnico.

A capacitação foi realizada por meio de palestras, seminários, oficinas e atividades plenárias, tendo como referência *O Livro dos Médiuns*, diversas obras de André Luiz, *Seara dos Médiuns*, de Emmanuel, e o roteiro "Organização e funcionamento da reunião mediúnica", cuja elaboração foi concluída na Reunião da Comissão Regional Nordeste de 2006, em João Pessoa, Paraíba, representando um detalhamento das orientações existentes no opúsculo *Orientação ao Centro Espírita*, capítulos 5 e 6.

Os períodos de realização e os responsáveis pela condução das atividades foram:

Federação Espírita do Maranhão – 2 a 4 de junho de 2006.

Responsáveis pelo trabalho: Marta Antunes Moura e Edna Maria Fabro, da FEB; Ana Luiza Nazareno Ferreira e equipe, da FEMAR.

Federação Espírita Piauiense – 14 e 15 de julho de 2006.

Responsáveis pelo trabalho: Marta Antunes Moura (FEB) e Otávio de Oliveira C. Filho, da FEPI.

Federação Espírita do Rio Grande do Norte – 19 e 20 de agosto de 2006.

Encontro Regional Espírita com sede na cidade-pólo de Mossoró.

Responsáveis pelo trabalho: Marta Antunes Moura e Carmem Rabelo, da FEB; Rosenite Alves de Oliveira e Francisco de Assis Pereira, da FERN. ■

reformador outubro 2006 - B.qxp 9/10/2006 11:22 Page 34

As idéias de Zamenhof e a Doutrina Espírita

Como anunciamos no número de setembro de *Reformador*, reproduzimos a seguir o texto-resumo da palestra proferida pelo Dr. Paulo Sérgio Viana, de Lorena (SP), em uma das reuniões sobre Espiritismo realizadas dentro do programa do 41º Congresso Brasileiro de Esperanto (Campinas, 15 a 19 de julho de 2006)

PAULO SÉRGIO VIANA

Para a grande maioria dos espíritas, as idéias e a ideologia de Zamenhof se mostram em absoluta harmonia com a Doutrina Espírita, o que, entretanto, não significa haver sobre o tema unanimidade de juízo. Em primeiro lugar, pelo fato de que – ainda quando isso nos pareça estranho – existem espíritas que não aceitam o esperanto, nem como língua, nem como ideal. Em segundo lugar, porque entre alguns não-espíritas a harmonia entre Esperantismo e Espiritismo parece causar algum desconforto, talvez por nisso enxergarem uma ameaça à neutralidade tão necessária e tão defendida pela língua. Impõe-se, portanto, um esclarecimento sobre esse juízo errôneo, uma vez que tal semelhança de idéias absolutamente não lhes constitui qualquer ameaça – pelo contrário, traz benefícios a ambos os ideais, pois, a bem considerar, esperanto e Espiritismo somente ganham com essa harmonia.

Paulo Sérgio em sua alocução

Além disso, não se pode afirmar que somente a ética espírita se mostra harmônica e afim com a ética do esperanto. Também a ética de outras religiões – certamente de quase todas as grandes religiões – tem pontos de contato com a ética do esperanto. Nesse sentido, dever-se-ia propor, em vez de oposição, um aperto de mãos entre todos os movimentos que sinceramente se empenham pelo bem da Humanidade.

Em face, portanto, dessas incompreensões – felizmente não muito numerosas – vale a pena reflexionar sobre os vínculos objetivos entre o Espiritismo e o pensamento de Zamenhof. Deveríamos, mesmo, divulgá-los com mais freqüência, tão grande é a importância desses vínculos.

Zamenhof era, de acordo com os ensinos dos Espíritos, um típico missionário. A propósito, recordemos o que se encontra no capítulo VII de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, item 13, "Missão do homem inteligente na Terra":

"Não vos ensoberbais do que sabeis, porquanto esse saber tem limites muito estreitos no mundo em que habitais. Suponhamos sejais sumidades em inteligência neste planeta: nenhum direito tendes de envaidecer-vos. Se Deus, em seus desígnios, vos fez nascer num meio onde pudestes desenvolver a vossa inteligência, é que quer a utilizeis para o bem de todos; é

uma missão que vos dá, pondo-vos nas mãos o instrumento com que podeis desenvolver, por vossa vez, as inteligências retardatárias e conduzi-las a ele.[...]"

Lendo-se a biografia de Zamenhof, constata-se claramente que, como Espírito, ele se preparou adequadamente para a sua missão, portando intelecto refinado e imensa modéstia.

Há um fato curioso que se nota entre a obra de Zamenhof e os aspectos com que se apresenta o Espiritismo – sua famosa divisão didática como Ciência, Filosofia e Religião: se, no que diz respeito ao Espiritismo, ela tem aceitação universal, no esperanto semelhante divisão nem sempre é notada. Também Zamenhof erigiu a língua sobre um tripé:

Ciência: a construção puramente lingüística da própria estrutura do esperanto é fruto de uma concepção genial, reconhecida até por renomados lingüistas, cujas bases repousam sobre o chamado *Fundamento do Esperanto* e sobre sua gramática.

Filosofia: está nas idéias de Zamenhof sobre a necessidade de se criar uma língua para a construção de um mundo mais justo e em sua argumentação no sentido de que a evolução da língua se deve dar no seio da própria sociedade. Atualmente, esse ponto de vista filosófico é identificado na expressão "democracia lingüística". Nesse campo, o principal documento legado pelo filósofo Zamenhof é a tese "Essência e Futuro da Idéia de Língua Internacional" – modelo de raciocínio e argumentação lógicos.

Religião: não obstante opiniões contrárias, Zamenhof não hesitou em lançar sua língua em ligação com a idéia de uma Força Superior – Deus. Dentro desse aspecto, o principal documento é sua famosa "Prece sob o Estandarte Verde", de cujo inesquecível conteúdo destacamos pequenos trechos em que se evidencia essa ligação.

Deus e a Lei de Adoração:

"A ti, ó mistério incorpóreo e potente [...] que o mundo governas [...] grande fonte de amor e verdade [...] fonte de vida constante [...] que crias, que reinas [...]"

Fé raciocinada:

"A ti não vimos com uma crença nacional, com dogmas de cego fervor [...]"

Civilização verdadeira como fruto da caridade cristã:

"Perfeitos e belos criaste os homens, mas eles se dividiram em lutas, [...] concede de novo a paz às crianças [...]"

Lei do Trabalho:

"Juramos trabalhar, juramos lutar [...] concede tua bênção ao nosso trabalho [...]"

Lei de Sociedade:

"Destruamos os muros entre os povos, que ruirão com fragor para sempre [...]"

Lei de Justiça, Amor e Caridade:

"Unam-se os irmãos, avante, com mãos entrelaçadas e armas de paz! Cristãos, hebreus, muçulmanos, somos todos filhos de Deus. Tenhamos sempre em mente o bem da Humanidade, e apesar das dificuldades, lancemo-nos ao alvo fraterno com obstinação, sem detença nem estacionamento. Avante, sem cessar!"

É certo que Zamenhof tinha clara consciência de que, não sendo fácil à mente humana compreender a verdadeira natureza e a essência de Deus, é todavia possível aspirar à observância de suas leis, o que certamente constituiu o principal objetivo de sua vida.

Aos espíritas causa forte impressão a maneira sutil, delicada e ao mesmo tempo firme com que ele conduziu a implantação da revolucionária idéia de uma língua internacional.

É evidente que as línguas vivas sempre carregam, no seu próprio terreno cultural, alguma ideologia. Mas, com o esperanto, o mundo viu pela primeira vez uma língua que expressa uma filosofia e uma ética – em forma mais vasta e ambiciosa do que qualquer outra língua. E é o Espiritismo que nos fornece explicação para esse fato extraordinário: o esperanto é obra de um missionário igualmente extraordinário, para isso preparado nas Altas Esferas do Mundo Espiritual. ■

reformador outubro 2006 - B.qxp 9/10/2006 11:23 Page 36

Santos Dumont

Centenário do vôo do "14-Bis", ocorrido em Paris, a 23 de outubro de 1906, que consagrou Alberto Santos Dumont (1873-1932) como Pai da Aviação

Ao registrar em *Reformador* o centenário do inolvidável e heróico feito de Santos Dumont, rememoramos um outro fato, também histórico, que relaciona a Federação Espírita Brasileira com o Pai da Aviação.

O ilustre brasileiro iniciara suas experiências com o balão "Brasil", em 4 de julho de 1898; prosseguira, em setembro do mesmo ano, com o "Santos Dumont nº l"; e, apesar de alguns revezes, continuou os experimentos com outros balões, até que, em 1901, construiu o dirigível nº 6, com o qual contornou a Torre Eiffel, em Paris, no dia 19 de outubro de 1901, recebendo o prêmio *Deutsch de la Meurthe*, de 100.000 francos-ouro,

Já consagrado mundialmente, Santos Dumont veio ao Brasil em 1903. Passando pelo Rio de Janeiro, a Federação Espírita Brasileira, por intermédio do seu presidente e de seu 1º secretário, entregou-lhe em mão um ofício datado de 12 de setembro de 1903, acompanhado do exemplar de *Reformador* de 1º de agosto de 1883, que publicara uma mensagem mediúnica profética, sobre seu futuro invento, do Espírito Estêvão Montgolfier* (1745--1799), recebida em 30 de julho de 1876 (quando Dumont tinha 3 anos de idade), pelo médium Ernesto Castro, na cidade de Silveira (SP).

Para conhecimento dos prezados leitores, reproduzimos, a seguir, o ofício da FEB e a referida mensagem.

*Estêvão (Étienne) e seu irmão Joseph construíram o aeróstato (balão de ar quente) em 1783.

Ofício da FEB a Santos Dumont

"Rio, 12 de Setembro de 1903

Prezado e ilustre patrício Sr. Alberto Santos-Dumont:

Consenti que ao coro de unânimes e afetuosas saudações, com que é justamente festejado o vosso regresso à pátria, se venha associar, por seus diretores abaixo assinados, a Federação Espírita Brasileira.

E não vos pareça estranho, pela índole de suas cogitações, este testemunho da nossa Sociedade que, ao contrário, por força mesmo dos seus ideais espiritualistas e humanitários, não se pode de modo algum desinteressar das conquistas do século e dos benefícios que à causa do progresso humano trazem os seus colaboradores, em cujas fileiras vos reservou a Providência tão assinalado posto.

Filhos desta abençoada terra da Santa Cruz, cujos gloriosos destinos nem sequer pode sonhar a descuidosa geração contemporânea, é com verdadeiro interesse que temos acompanhado o vosso esforço perseverante, na absorção

do gênio e da predestinação, por dotar a Humanidade com os benefícios dessa conquista, com que, imortalizando-vos, enobreceis ao mesmo tempo a nossa Pátria.

Não enxergueis nestas expressões o intuito de vos estimular sentimentos de vaidade que, por fortuna vossa, parece serem alheios ao vosso espírito, revestido, ao contrário, da modéstia e do desinteresse característicos do verdadeiro missionário.

Se algum outro fim temos em vista, além das saudações fraternais que vos trazemos, é o de oferecer-vos, como um documento que particularmente nos parece dever interessar-vos, o número do *Reformador* de 1 de Agosto de 1883, jornal que no ano seguinte começou a ser órgão da nossa Sociedade, tal se conservando até agora, como vereis da coleção deste ano, que igualmente vos oferecemos.

Ali se encontra uma comunicação espírita, ditada quando apenas contáveis 3 anos de idade, a qual, recebida por um médium que ainda vive, parece que se entende convosco.

Ignoramos quais sejam as vossas idéias acerca desta nova ciência que na gloriosa França, como por toda a parte, conta os mais esclarecidos e dedicados cultores. Sabemos, entretanto, pelas referências dos jornais a vosso respeito, que sois uma alma crente, alcandorando-vos nos transportes da prece, quando, nas arriscadas ascensões, expondes a vossa vida; e pois, sem nenhuma preocupação de proselitismo, temos unicamente em vista ministrar-vos esse esclarecimento acerca da providencialidade da vossa missão na Terra.

Ali se fala, é certo, de "pássaro mecânico", superior aos balões, meros "exploradores e precursores da admirável invenção". Não se entenderá, porém, com os balões cativos esta alusão? Assim nos parece, tanto mais que, não somente o vosso invento tem o valor da conquista definitiva do ar, como a data da comunicação confirma a anterioridade do vosso nascimento.

Guardai, pois, esse jornal, ao menos como uma afetuosa e espontânea recordação dos vossos irmãos espíritas do Brasil, e permiti-nos que, abraçando-vos, vos exortemos a que, de par com a simplicidade e modéstia que vos distingue, e tão bem vai nas almas crentes, conserveis sempre em Deus essa confiança que é o segredo dos vossos triunfos e serenidade de ânimo, e será o da vossa glorificação, não aos olhos dos homens, o que bem pouco vale, mas aos desse mesmo Deus, que é a nossa força, o nosso amparo e a razão única da nossa própria existência.

Se vos agradar continuardes a receber a nossa modesta folha, enviai-nos o vosso endereço em Paris.

E crede sempre nos cordiais e fraternos sentimentos dos vossos sinceros irmãos em Jesus.

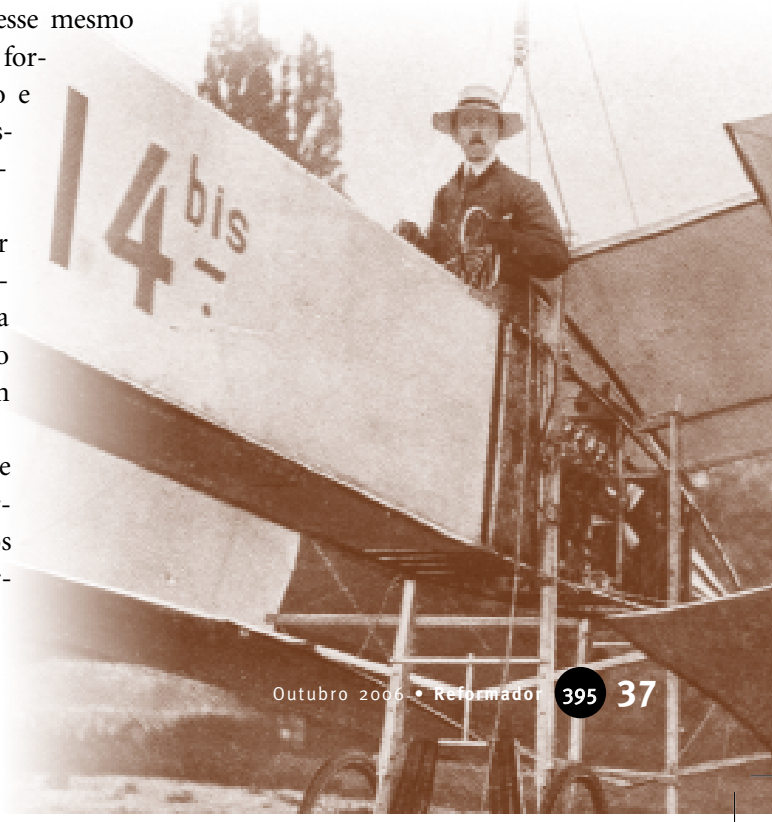
Leopoldo Cirne, presidente; Geminiano Brazil de O. Goes, vice-presidente; Albino Gonçalves Teixeira, 1º secretário; Nilo Fortes, 2º secretário; Ulysses de Mendonça, 3º secretário; Pedro Richard, tesoureiro."

Fonte: *Reformador* de setembro de 1956, p. 12(200)-13(201) – Artigo "A Predestinação de Santos-Dumont", de Almerindo Martins de Castro.

Mensagem mediúnica

Em 30 de julho de 1876, em Silveiras (SP), o médium Ernesto Castro recebia espontâneamente a seguinte mensagem do Espírito Estêvão Montgolfier:

"Vencer o espaço com a velocidade de uma bala de artilharia, em um motor que sirva para conduzir o homem, eis o grande problema que será resolvido dentro de pouco tempo. Essa máquina poderosa de



condução não há de ser uma utopia, não. O missionário, que traz esse aperfeiçoamento à Terra, já se acha entre vós. O progresso da viação aérea, que tantos prosélitos tem achado e tantas vítimas há feito, não está, portanto, longe de realizar-se.

O aperfeiçoamento de qualquer ciência depende do tempo e do estado da Humanidade para recebê-lo.

A locomotiva, esse gigante que avassala os desertos e vence as distâncias, será um insignificante invento ante o pássaro colossal, que, qual condor dos Andes, percorrerá o espaço, conduzindo em suas soberbas asas os homens de vários continentes.

Os balões, meros exploradores e precursores da admirável invenção, nada, pois, serão perante o belo e portentoso pássaro mecânico.

Esse Deus de bondade e de misericórdia, que nada concede antes da hora marcada, deixa primeiramente que seus filhos trabalhem em procura da sabedoria, e depois que eles se têm esforçado em descobrir a Verdade, aí então lhes envia um raio de sua divina luz.

Já vêem, ó mortais, que a navegação aérea não será um sonho, não, mas sim uma brilhante realidade.

O tempo, que vem próximo, vos dará o conhecimento desse estupendo motor.

Brasil, tu que foste o berço dessa grande descoberta, serás em breve o país escolhido para demonstrar a força dessa grandiosa máquina aérea. Eis o prognóstico que vos dou, ó brasileiros!" ■

Fonte: *Idem, ibidem.* p. 9(197).

Divaldo Franco na FEB-Rio

Cumprindo o já tradicional ciclo de palestras no Rio de Janeiro, Divaldo Pereira Franco atraiu, no dia 30 de julho, um público de aproximadamente 900 pessoas à Sede Seccional da FEB, na Avenida Passos, nº 30.

Divaldo falando; atrás, sentados, Nestor João Masotti e Juvanir Borges de Souza

Em memorável sessão, cuja mesa de trabalhos foi composta por Nestor João Masotti, presidente da Casa, e Juvanir Borges de Souza, seu antecessor, Divaldo, com o inconfundível brilho de sua inspirada oratória, brindou os presentes com riquíssima exposição a respeito de temas atualíssimos, tais como a preparação da Nova Era através da reencarnação de Espíritos especialmente preparados para as fecundas transformações sociais; a necessidade de que os adeptos da Doutrina Espírita sustentem o critério seguro de Allan Kardec como base insubstituível de sua boa condução; e o irresistível magnetismo dos ensinos e exemplos de Jesus sobre as almas de boa vontade, independentemente de suas confissões religiosas.

Esperamos, de todo o coração, que Divaldo, esse querido irmão, amado por todos os espíritas do Brasil e de além-fronteiras, amigo incondicional da Casa de Ismael, aqui retorne no ano vindouro para nova semeadura de luz. ■

reformador outubro 2006 - B.qxp 9/10/2006 11:23 Page 39

Padrão de qualidade editorial dos livros febianos

Geraldo Campetti Sobrinho

Os cuidados editoriais com a publicação de uma obra não se devem limitar ao seu conteúdo. Indispensável que o autor se preocupe com a redação esmerada, em consonância com os padrões da língua culta. Mas, também, é preciso redigir de forma agradável, atraente, simples, com vistas a facilitar a leitura das informações registradas na obra.

Revisar nunca é demais

A boa redação obedece a critérios rígidos de correção semântica, gramatical e ortográfica. Inicialmente, quem escreve é igualmente quem primeiro revisa o texto redigido. São várias revisões, reescritas, correções... E o ciclo repete-se inúmeras vezes.

Em seguida, outras pessoas incumbem-se da revisão. É natural que assim ocorra, pois há um momento em que o autor de um texto já não consegue enxergar nele qualquer erro, que "saltará" facilmente aos olhos de outro revisor. Por isso, a revisão final deve ficar a cargo de terceiros, especializados na função de revisar.

O trabalho de revisão é um tanto quanto inglório. Por mais que se pretenda atingir a excelência de qualidade, quando se conclui o serviço e o resultado é publicado, notam-se, depois, alguns erros que poderiam ter sido corrigidos antes da publicação. Mas, isso também faz parte do processo e não se configura desestímulo aos que estão no ofício. Ao contrário, é motivo de encorajamento aos revisores para que prossigam no intuito de aperfeiçoar a qualidade da produção. Assim, se uma publicação "saiu" com erro, o que é comum ocorrer, apressem-se os responsáveis editoriais para as correções que deverão ser contempladas em próxima edição.

Estrutura da publicação

Um livro possui elementos pré-textuais, textuais, pós-textuais, e extratextuais.

Os elementos preliminares ou pré-textuais referem-se às partes iniciais do livro. São, por exemplo: guardas brancas, folha de

rosto, dedicatória, epígrafe, sumário, apresentação, prefácio e introdução (quando esta substitui a apresentação ou o prefácio).

Os elementos particulares do texto ou textuais são aqueles que ajudam a aumentar a legibilidade da obra, destacando as diversas seções, acompanhando as ilustrações e introduzindo determinados comentários complementares. Dentre os principais, incluem-se: introdução (quando esta não *substitui* a apresentação ou o prefácio), títulos e subtítulos, citações, notas de rodapé, quadros, ilustrações, comentários ou notas marginais e cabeçalhos ou títulos correntes.

Os elementos finais ou pós-textuais são: apêndices, anexos, glossário ou vocabulário, referências, bibliografia, índice e colofão.*

Os elementos extratextuais de uma publicação referem-se às capas (da primeira à quarta) e à lombada.

A forma de apresentação da estrutura de uma publicação é explicada nas diversas normas sobre informação e documentação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) já relacionadas no artigo anterior desta série e que explicitaremos gradativamente nos próximos artigos a serem publicados em *Reformador*.

*Indicação, no final do livro ou folheto, do nome do impressor, local e data da impressão e, eventualmente, outras características tipográficas da obra.

Sumário e índice

Ainda é comum a confusão entre sumário e índice, de tal forma que o leitor e, às vezes, os próprios editores não sabem distinguir um do outro. Para deixar a questão esclarecida, seguem as considerações sobre estes dois importantes elementos de uma publicação, segundo os critérios das normas técnicas atualizadas.

A norma brasileira (NBR) 6027/2003 trata da estrutura, localização e aspecto tipográfico do sumário. Esta norma possui apenas duas páginas, porém esclarece a distinção entre sumário e índice, dois elementos geralmente confundidos não só por leitores, mas também pelos próprios responsáveis pela edição de livros. A finalidade do sumário é apresentar uma visão de conjunto do conteúdo da obra, conforme sua estrutura organizacional, a fim de facilitar a rápida localização das seções – capítulos e tópicos – que a compõem. Deve figurar, pois, logo no início da publicação.

A preparação de índice de publicações é regulamentada pela NBR 6034/2004 da ABNT. Ao mencionar o tipo de publicação a que se refere esta norma, é destacado que ela "aplica-se, no que couber, aos índices automatizados".

Pelo seu caráter de exaustividade, isto é, a cobertura de todas as informações contidas na obra, diferentemente do *sumário* que apresenta uma visão geral da estrutura da obra, recomenda-se que o *índice* seja localizado no final da publicação, e registrado em tipologia de um a dois pontos menores que o texto normal.

Reformatação das obras febianas

Você já teve oportunidade de ver os últimos livros publicados pela FEB?

O que se observa nessas publicações é o resultado de um trabalho de equipe, que se dedica zelosamente ao que faz: profissionais contratados e colaboradores voluntários que procuram fazer o melhor ao seu alcance, com constante atualização sobre as necessidades do mercado, capacitação técnica e desenvolvimento pessoal.

Os integrantes dessa equipe realizam o trabalho porque gostam. Envolvem-se integralmente com os objetivos da tarefa de divulgação doutrinária ao público espírita e àquele que começa a se interessar pelo Espiritismo. Uma das razões que desperta o interesse do leitor é exatamente o atrativo que o livro espírita vem proporcionando.

Além do precioso conteúdo que a Federação Espírita Brasileira resguarda com todo o cuidado, as publicações ganharam há alguns anos uma reformatação de seus elementos internos e externos. Os livros gradativamente estão passando por um reempacotamento que para o leitor é como se um novo título estivesse sendo lançado.

A última Bienal do Livro, realizada em março na capital paulista, é uma demonstração dessa

conquista. O livro infantil *Cartilha do bem*, ditado pelo Espírito Meimei e a obra *Contos desta e doutra vida*, do Espírito Humberto de Campos (Irmão X), ambos psicografados por Chico Xavier, estiveram entre os mais vendidos na feira. As primeiras edições destes livros foram lançadas, respectivamente, em 1969 e 1964! Fizeram sucesso entre aqueles que já conheciam as obras, em sua formatação anterior, e entre o público que se interessou pelos títulos como se fossem lançamentos.

Esse trabalho prosseguirá ao longo do tempo, considerando-se que a editora febiana possui em seu catálogo aproximadamente 450 títulos, sem contar os novos títulos que já ganham em qualidade de apresentação com o processo de editoração eletrônica e os modernos recursos de tecnologia da informação, utilizados pelos especialistas, diagramadores, arte-finalistas e *designers*.

Elaboração de índices gerais

Outra importante característica acrescentada às novas edições da FEB é a elaboração dos índices gerais. Eles representam a abertura do caminho para acesso rápido e exato ao conteúdo detalhado de cada obra.

Tem-se adotado a expressão *índice geral*, pois se associam dois ou mais tipos de entradas como pontos de recuperação do conteúdo. Reúnem-se comumente verbetes em ordem alfabética representativos de assuntos, nomes pessoais, de localidade, etc.

Já foram contemplados com índices todos os livros da Codificação e os demais de Allan Kardec que estão sendo publicados pela FEB. Os índices das obras psicografadas por Chico Xavier, especialmente as ditadas por André Luiz e Emmanuel, encontram-se também em fase de elaboração. À medida que a Editora publica um novo título ou relança uma publicação com nova forma de apresentação, a equipe responsável pela indexação é acionada para a realização de seu trabalho.

A caminhada é longa... Mas temos certeza – pois assim o sentimos no cotidiano de nossos trabalhos – de que com Jesus o fardo é leve e o jugo é suave.

Sentimo-nos honrados pela oportunidade de servir nessa imensa seara do Mestre Divino em que fazemos o mínimo diante do muito que constantemente recebemos. ■

Dia Estadual da Confraternização Espírita

Instituído pela Lei 3.905, do Estado do Espírito Santo

A família espírita capixaba reuniu-se para comemorar esse evento, em 3 de agosto, no auditório do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFETES), das 19h30 às 22h. A convite da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo, o presidente da Federação Espírita Brasileira, Nestor João Masotti, proferiu a conferência "O Espiritismo em Ação".

No período da tarde o presidente da FEB manteve um encontro dialogado com dirigentes espíritas de grande número de instituições do Estado, tratando de assuntos de interesses das casas espíritas. ■

Seara *Espírita*

Mês de Kardec na FEB-Rio

Suely Caldas Schubert, escritora e oradora espírita, visita neste mês a Sede Seccional da Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro (Avenida Passos, 30), onde profere, no sábado, dia 14, às 10h30, palestra sobre o tema "Mecanismos da Justiça Divina". O evento realiza-se dentro do programa "Mês de Kardec", que a FEB-Rio vem promovendo desde as comemorações do Bicentenário de Nascimento do Codificador. Devido à limitação de lugares, o acesso será feito mediante apresentação de convite.

Rio de Janeiro: Kardec na Assembléia Legislativa

Em Sessão Solene às 18 horas do dia 3 de outubro, a Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro presta uma homenagem pública ao Espiritismo, pela terceira vez em dois anos, desta feita em comemoração ao nascimento de Allan Kardec, ocorrido em 3 de outubro de 1804, na cidade francesa de Lyon. O evento resulta da ação do Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro (CEERJ) e do empenho do deputado estadual Áttila Nunes, e conta com a participação de representante da Federação Espírita Brasileira.

Rondônia: Encontro de Trabalhadores Espíritas

De 25 a 27 de agosto, em Ariquemes (RO), a Federação Espírita de Rondônia promoveu o XX Encontro de Trabalhadores Espíritas de Rondônia. "Comunicação Social no Processo de Divulgação Espírita" e "O Centro Espírita e a Legislação" estavam entre os temas que foram abordados. A palestra de abertura foi feita por Ricardo Silva, da Assessoria Jurídica da FEB. Na ocasião, a FERO informou os trabalhadores sobre os assuntos da Reunião da Comissão Regional Norte do Conselho Federativo Nacional da FEB, realizada em Macapá (AP) no mês de junho.

Equador: Congresso Espírita

A Federação Espírita do Equador realizou, no período de 25 a 27 de agosto, o II Congresso Espírita Internacional do Equador, com o tema central "Ciência Espírita – Fonte de paz e equilíbrio para o ser humano", abordado, na conferência de abertura, por Divaldo Pereira Franco, que proferiu mais duas conferências. Outros expositores: Alvaro Vélez (CEI), Luis Hu Rivas (CEI), Hugo Arriciaga (Equador), Isauro Hoyos Penagos (FEDECOL) e Enrique Gagliardo (Equador).

FEB-Brasília: Programação doutrinária

Honório Onofre de Abreu e Haroldo Dutra, respectivamente, presidente e assessor da União Espírita Mineira, realizaram programação doutrinária no dia 12 de agosto passado na Sede Central da Federação Espírita Brasileira. No período da manhã, dirigiram um curso de capacitação destinado aos monitores do curso Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE). Das 16h às 17h30 desenvolveram um seminário sobre o tema "Ensinos e Parábolas de Jesus", tendo como público-alvo monitores e estagiários dos diversos cursos das áreas de estudo da FEB. Das 18h às 18h30, proferiram palestra aos participantes do EADE, sobre o tema "O Evangelho de Jesus – como, por que e para que estudá-lo à luz da Doutrina Espírita".

Amazonas: Congresso Espírita

A Federação Espírita do Amazonas promoveu, de 18 a 20 de agosto, no auditório da Reitoria da Universidade do Amazonas, em Manaus, o 2º Congresso Espírita do Estado, com o tema principal "Família – Um planejamento divino". Participaram do evento conferencistas como Divaldo Pereira Franco (BA), Raul Teixeira (RJ), Alberto Almeida (PA) e André Luiz Peixinho (BA). O Congresso fez parte da programação da Semana da Família, promovida anualmente pela FEA. No encerramento – que foi transmitido ao vivo pela Internet – Divaldo homenageou Bezerra de Menezes, pelos seus 175 anos de nascimento.